

DATA: / /

Entrevista:

M - Estamos iniciando um trabalho de entrevista com a Josefa. Josefa, qual é o seu nome completo?

J - Meu nome é Josefa Paulino da Silva.

M - Você nasceu aonde?

J - Nasci em Alagoas, em um lugar com o nome São ~~João~~^{Piquet} de Lampas, que não conheci porque saí de lá muito pequena e me mudei para outro interior.

M - Você morava lá com seus pais e saiu de lá pra morar aonde?

J - Morava com os meus pais e saí de lá morei em um lugar como o nome de Remédios, depois morei num lugar e... antes morei num lugar de Remédios ~~morei~~^{mudei} num lugar... São Caetano foi onde eu fui batizada, depois vim pra Remédios do Remédios fui morar no Cadois. E Alagoas.

M - Tudo Alagoas?

J - Tudo Alagoas.

M - É por que que vocês ficavam mudando de lugar para lugar? Você consegue se lembrar?

J - Era as condições porque a minha mãe era bôia-fria. Eu não me lembro

②

porque eu era muito pequena mas como a minha mãe era boia-fria já tá na casa porque ela mudava, né? Era com certeza quando não tinha trabalho num setor ela ia para outro

M - Seu pai também era boia-fria, né?

J - Todos dois.

M - Hum... É qual... assim... Você vi-
veu com seus pais durante quanto tempo?

J - Olha, quando minha mãe morreu eu tinha nove anos e quando meu pai morreu eu tinha dez. Quando minha mãe morreu ela deixou um irmão, um filho, né? de três anos que era meu irmão e uma irmã de sete anos. Eu tinha nove, ela tinha sete, só que essa irmã era paralítica em cima da cama, para fazer qualquer neces-
sidade eu tinha que carregar ela no colo, então...

M - Exatam quantos irmãos? Três ao total, né?

J - Era, era nós três. E então, ele... ela... aquilo me... sabe como é que é, né? A gente pequeno, eu pequena, ela pequena também, ela era menos dois anos que eu, a gente não se equilibra-
va bem nas dificuldades assim pra carrei-

DATA: / /

por uma garota pra fazer as necessidades e tal, então eu ficava observando pessoas que usavam remédios ao meu pai, eu ficava observando...

M - Mas você cuidava da sua irmã?

J - Eu cuidava da minha irmã?

M - E sua mãe trabalhava no campo?

J - Não, quando minha mãe ia trabalhar eu não me lembro bem dela pequena, a minha irmã, eu me lembro do meu irmão, da minha irmã eu não lembro, como contava ela levava ela, quando não tinha ele porque eu não lembro dela. Eu me lembro que eu ficava cozinhando pipão, lá no fubete usa sempre três tijolos no chão, três pedras e a gente põe o fogo ali por baixo, a pessoa acende o fogo, põe a panela em cima daquelas três pedras e a gente vai colocando a lenha, e eu como não tinha confiança em mim mesma que eu tinha 5 para 6 anos, então fazia o seguinte, eu me sentava perto do fogo e já tinha prática de escutar aquele barulho da fervura da panela, eu sabia se estava seco ou não. Sim, quando eu notava que estava seco, eu tirava a tampa... da panela e botava



JANDATA

(4)

água e ia cozinhando até ela chegar. Quando ela chegava... eu não me lembro como é que ficava o feijão, sei que ela que ia temperar pra gente comer.

M - Como caso, você... a sua irmã... ela ficou doente ~~porque~~ por quê? Você sabe?

J - Olha, eu tenho a impressão que foi febre, porque ela tinha uma espécie de paralisia.

M - Hum... paralisia infantil?

J - É, uma espécie de paralisia. Talvez não seja essa paralisia ~~por~~ infantil porque olha só... eu comecei a prestar atenção os remédios que ficavam ensinando meu pai ~~para~~ passar nela, né? Se eu pensava assim, esse remédio eu não sei fazer, aí, quando tavam ensinando outro, aí, esse aí eu também não sei, aí passavam um disse que era bom a... pimenta... a banha da cobra cascavel. Eu, aí, pensava assim: minha mãe tem aí um vidro de banha de cascavel (que minha mãe tirava não sei pra quê mas eu me lembro que ela tirava banha de cascavel, né) aí eu dizia: eu não passo porque minha mãe não passava e se ela não passava

DATA: / /

é porque ia fazer mal. Ai, quando foi
um dia eu escutei o homem, eu não
sei quem era que ensinava...

M - Mas isso quando seu pai...

J - Depois de minha mãe morta.

M - Mas aí que tá? Antes disso sua
mãe morreu de quê? Eboê se lembra?

J - Olha, a minha mãe morreu, eu
não sei te explicar direito, só sei como
é que foi. Ela, uma vez chover de
noite e a gente dormia numa esteira
forrada do chão, aí chover quando
tinha uma goteira (ela sabia que tinha
uma goteira) quando começou a chover
ela levantou ~~ela~~ descalça e veio
botar uma vasilha no lugar da goteira
porque se deixasse a goteira escorrer
ia pra cama da gente, ela foi botar
uma vasilha na goteira pra não enfor-
mar água. Ai, no outro dia, ela amu-
nhou se quixando de barriga inchada,
depois ela começou a dar febre, ... eu
sei que a doença dela não durou ...
foi no máximo uns três ou quatro dias,
morreu com isso, né? Meu pai deu não
sei quantas lavagens nela, ela não defecou
e no dia que ela defecou, ela morreu. Quê
dizer, eu não sei que doença é essa, só



JANDAIA

6

ser dizer que só pode ser falta de remédio,
falta de recurso

M - Se você ficou junto ... você, seus três
irmãos e seu pai?

J - Se o meu pai com poucos dias de-
pois, meu pai deu o meu irmão pros
padrinhos dele e esses

M - Se você estava com quantos anos?

J - Eu tinha nove, quando minha
mãe morreu eu tinha nove. Se, meu
pai pegou o meu irmão e deu aos
padrinhos dele, que já tinha perdido a
minha mãe, minha mãe dizia que
não dava as filhas dela, aí, quando
ela morreu meu pai deu pros padrinhos.
Eu me lembro que depois que ele foi pra
casa dos padrinhos, eu fui lá duas vezes.
Uma vez fui com meu pai e outra vez
eu fui com outra pessoa visitar ele.
A última vez que eu vi ele, foi a se-
quinte: cheguei na casa dos padrinhos
dele, aí, ele não estava presente eu
perguntei por ele, "ele não tá aí" eu
fiquei em pé na porta e não man-
daram entrar e eu fiquei em pé.
Se, ela chamou ele, ele veio assim ...
ela aí perguntou: "onde é que está ... ?
José ... " aí ele veio - "Senhora" - "Onde é"

DATA: / /

que está seu Zémarco?" Si ele disse: "Está aqui." "Pode ir embora?" Foi assim a última vez que eu vi ele.

M - Nunca mais...

J - Até hoje nunca mais. A última notícia que eu soube dele, que nos tivemos quase se encontrando, mas só que ele quando procurou na casa da minha madrinha em Flacão... ele achou minha irmã e ele não se lembrava dela. Quando ele voltou pra casa que tinha dado a informação de uma moça que contava um caso igual o dele, com seis meses depois (a moça ia lá de seis em seis meses) veio de uma vez e aí, ela contou pra ele: "olha eu conheço uma moça que conta uma história igualzinha a sua", que era a minha irmã, eu estava aqui no Rio, eu não sabia de nada. Si... e nós tava brigada a irmã veio... ela já tinha vindo aqui e a gente deu uma briga muito feia e eu mandei ela embora. Ela foi embora novamente pra Alagoas. Si foi quando veio esse negócio dessa transação de encontrar o meu irmão, aí, a moça falou com ele, quando ele

(8)

veio em flacido no outro, aí foi lá na
venda, prestou atenção... aí tinha a
minha irmã (não tinha eu porque
eu já estava casada aqui) ele voltou.
Quando a moça foi lá, ela disse: "olha
aquela não é a minha irmã. Minha
irmã não é alijada e aquele suco
da perna e o nome da minha irmã
é Florença e não Flávia". Quando a
moça voltou que conversou com a mi-
nha irmã, ela disse assim: "Florença é
a minha irmã". Ela nunca tinha falado
pra mim, pra moça que tinha uma
irmã com nome de Florença porque
se ela tivesse dito eu tinha encontrado
meu irmão. Ela inclusive, né? Ela era
o nosso irmão. Aí, ela chegou, disse Florença
é minha irmã, ~~ela passou~~ mora no
Rio. Aí passou, daí uns 6 meses a
moça foi no mesmo local quando che-
gou lá, tinha morrido as padrinhas dele
tinham feito negócio de... divisão de...
herança... aí pra ele não sobrou nada,
nada, nada, foi nós três irmãos... aquele
bolinho de três seu sorte, tinhamos sido
criado assim, né? Um aqui, outro ali,
outro acolá.

11 - Cê, a última notícia que você

teve dele, ele estava sem nada?

J - Sem nada. Então eu sei que ele tinha se casado, tá? Que já tinha dois filhos, que tinha aprendido, que tinha já deixado a casa dos padrinhos porque quando ele morreu deixaram ele sem nada, aí, ele ficou com xativa, saiu de casa e foi aprender em uma usina em Itapoa, eletricidade, e que ele tinha ido pra São Paulo com esses dois filhos e a mulher, foi a última notícia que eu tive dele.

M - Você... sua mãe morreu você ficou com seu pai. Seu irmão foi dado aos padrinhos.

J - Fiquei com meu pai, um ano depois meu pai morreu.

M - De quê? Você se lembra?

J - Ah, ele tinha brangite desse negócio de fumar, deu uma brangite mas eu não sei direito de que ele morreu. Sei que ele ficou de cama, ele ficou mais dias, muito mais dias de que minha mãe que eu me lembro que quando morreu... antes de... meu pai morrer, logo depois que minha mãe morreu ele disse assim: "Florença, você arruma uma madrinha

(10)

pra crismar você porque eu não vou ter
muito tempo de vida, aí você já tem como
se viver." Já quando minha mãe morreu,
meu pai perguntou: "Óh, eu vou pegar
você duas e colocar na casa da sua
madrinha," que era no Centro em Sla-
pas e eu morava em Ladois. Já, eu che-
guei e perguntei a ele: "É o senhor?" Ele
disse: "Eu não vou não, vou ficar por aqui."
Já eu não quis ir e eu disse: "Eu não vou,
seno o senhor eu não vou", aí não fui, fi-
quei eu, minha irmã (que era alijada)
e ele. O remédio que eu escutei e que eu
passei nela, melhorou, estirou os dois
braços, que era assim encolhidos, os dois
braços e as duas pernas... Já eu vi o homem
ensinando cinza moena pra meu pai
acordar de manhã sem falar com nin-
guém, ir no lugar do João Paulhar aque-
la cinza e passar nos braços estirando, né,
os braços e as pernas. Já, eu escutei e disse:
"Esse eu posso fazer", aí eu fazia isso com
ela e ela chorava que Deus me livre,
porque eu não tava sentindo a dor, eu
tava passando remédio, né, e puxando o
braço, eu sei que com isso estirou os
dois braços e a metete de uma perna,
aí ela passou a andar se arrastando, já não

precisava de eu carregar no colo e assim até meu pai morrer. Quando meu pai morreu, eu arrumei a madrinha, me crismei (eu tinha até uma ilusão enorme porque ela tinha dito que eu ia fazer a primeira comunhão e pra mim era o maior sonho da minha vida que a mim era muito católica) aí eu fiquei muito satisfeita com a madrinha que eu arrumei que ia fazer a primeira comunhão e eu fiquei pulando num pé só feito passarinho. Tinha muita vontade de aprender a ler mas não tive condições, aí quando foi a maior desilusão de criança, foi quando minha madrinha disse que eu não podia fazer a comunhão porque não sabia ler e pra fazer a comunhão tinha que ler o catecismo. E eu não tinha letra, não podia ler. Aí foi a 1ª desilusão quando criança, tinha... aí eu já estava com nove anos, meu pai ainda era vivo. Se ela pegou me crismou, mesmo assim ela me crismou, quando foi com pouco tempo meu pai morreu, quando morreu, fui procurar ela pra ver o que fazer, ela, aí, não me aceitou porque eu tinha uma doença e ela ^{era} madri-

minha minha, aí me mandou pra outra
 madrinha, que foi a de batismo onde meu
 pai queria me botar que eu não aceitei,
 cheguei lá também não me quis porque
 eu tinha irmã doente e a doente também
 era afilhada dela. Se eles me botaram...
 me mandou procurar uma irmã que
 eu tinha por parte de pai que quando
 cheguei na casa ~~de~~ desse irmão, também
 estava doente, já estava de cama, ~~ele~~ só
 se mexia da cintura pra cima, não sei
 de quê. O pessoal dizia que era macumba
 mas eu não sei o que é que foi não. Ele
 estava doente, ele tinha um filho, a mulher
 já trabalhava pra sustentar ele, aí essa
 madrinha que não me quis em flacão,
 ela começou a me dar alimentação, lá
 apauhará uma vez por semana, mas só
 passei lá na casa desse irmão mais ou
 menos uns quinze dias porque eu me
 lembro que ... foi antes de São João pra
 lá e São Pedro eu já passei na casa dos
 patrões novos, quer dizer devo ter passado
 lá uns quinze dias, aí foi quando meu
 irmão pegou e me deu a uma família.
 4 - E a sua irmã ficou com seu irmão?
 5 - E essa irmã ficou com ele quando foi...
 isso foi em 1934, mês de São João de 34, né

meu pai morreu no mês de maio, não me lembro o dia mas eu sei que eu passei... uns quinze dias mais ou menos... eu sei que eu passei o...

M - 34 isso?

J - É, em 34. Eu sei que eu passei o São João com meu irmão e São Pedro já foi com a família que me acompanhou. Si, a irmã ficou com esse irmão quando foi em 38... quando foi em 35, a mulher... o marido dela era caixa do Banco do Brasil, essa minha patroa, e ele tava cavando transferência para o Rio de Janeiro, aí...

M - Eles te pegaram para trabalhar como empregada?

J - Como escrava, aí eu comecei a aprender, né. Quando eu estava em placido que ela até morava numa praça, tudo bem e tal... eu fazia um serviçoinho leve, uma coisa, tirar chuchu, varrer o quintal, não sei o quê... Depois que nós fomos pra Recife, aí é que eu fui ver a porca torcer o rabo, porque aí o serviço sobrou para mim direto mesmo, tinha as duas crianças, eu tinha... dez anos e os dois meninos dela deviam ter uns 5 anos e o outro 6, eram dois.



(14)

Depois ela teve mais dois... então, quando foi em 35...

M - Você não recebia salário?

J - Nunca recebi um tostão

M - Hum... Si vocês foram pra Glacéio?

J - Si, ela foi pra Glacéio, pra outra praia, já. Você vê. Ela passou a viver de pensão porque ele veio aqui para o Rio pra procurar... pra cavar a transpência e a mulher ganha de pensão, aí eu fazia o serviço e lá não era muita coisa, mais era apauhar comida na pensão, depois lavar aquela roupa...

M - Isso em Glacéio ainda?

J - Isso... quando ela me deu... quando ele me deu para essa ~~noça~~ mulher com oito dias depois, talvez, não tenha chegado a tanto, eu fui para Recife (isso em 34). Em 35, ele resolveu pedir transferência para o ~~Rio~~ Banco, aí nós fomos novamente para Glacéio, tá? E ela ficou um mês em Glacéio esperando o marido voltar do Rio. Si, nesse tem... nessa época ela morava também numa praia, numa casa que era dela e você vê, ela mandava tomar banho de praia, eles ia para a praia com aquelas crianças... todo mundo... e eu ficava em casa fazendo

O serviço, fazendo o café, botando água,
 (já 'pauzando' uma grife muito forte) tinha
 que fazer ^{uma}erva-de-santa-maria pra tomar
 de manhã com leite que era ali o leite que
 sobrava do outro dia... era um pouco
 azedo, que era-pouco-mais. Tinha um cheiro
 horrível mas era mesmo que eu tinha.
 que tomar. Quando ela chegava da prova,
 ela dava cinco minutos pra eu atravessar
 a rua e tomar um banho... de praia. Tinha
 todo dia durante esse mês que eu passei
 lá, quase todo dia tomava um banho de
 praia de cinco minutos, cinco... tinha
 que atravessar pra lá e pra cá, clara
 três, né, chegava lá dava uns mergulhos
 e voltava. Bem, depois eles voltaram no-
 vamente pra... ela ficou que não arran-
 pi a transição, mas ficou novamente
 pra ficar e aí, quando ela veio em
 35 de volta, ela já trouxe outras coisas,
 que ela tire aí já não eram mais dois,
 eram três (tinha um pequeno, já,
 mas voltamos novamente pra ficar, né,
 aí foi pra lá aí que eu fui trabalhar
 né, que a casa era menor, e eu tinha
 que entrar, não tinha coisa elétrica,
 tinha que... eu não perco o tempo
 que era ~~quase~~ escuro de ferro, e eu não

(16)

com o escovão, passava a cera toda e outra pessoa passava o escovão.

M - Si, tinha mais duas empregadas?

J - Ela tinha uma empregada pra criança pequena... ela fazia assim: a 1ª que saísse (já era eu que tomava conta das crianças) ainda bem que empregada de criança lá durava um ano aí com um ano ela mandava embora e era eu que tomava conta daí pra frente. Si, eu arrumava a casa, fazia o serviço de copeira, tomava conta de criança, tomava conta de jardim, tomava conta de uma botelhinha que tinha nos fundos, tomava conta de galinha, começava 5:30 hs da manhã e acabava às 20hs, o serviço. Depois, ela teve mais outro filho aí eu fiquei tomando conta das duas crianças assim: uma... (tanto é que quando eu sai de lá, eu deixei uma criança com 5 anos e a outra tinha dois) eram quatro crianças mas as duas maiores não precisavam mais de tomar conta, os dois menores eram que eu tomava conta, além de todo serviço que eu fazia. Bem, pelo serviço eu não achava nada de mais, não, o que eu achava de mais eram os carões que eu levava

sem necessidade, as surras, os merinos quando caíam, diziam que tinha sido eu que tinha empurrado, os merinos faziam muito fuxico (tinha uma garota, que era mais velha do que o garoto, era o capeta) pra mim esses seis anos que eu passei na casa dela eu convivi com o Capeta infantil.

M - Ela te batia como?

J - Como batia? De bôlo, minha filha. Pauhava essas escovas grandes de escovar sapatos e me dava bôlo nas mãos, por qualquer coisa eu apanhava de bôlo nas mãos, aí, eu fui crescendo... uma coisa que eu tenho muita raiva, mas tenho ódio mesmo, que ela fez comigo - isso eu não perdoo nem que ela venha em espírito me pedir perdão - é que ela me obrigou... ela me bateu pra mim dizer que eu era ladra, tá? Porque sumiu... a empregada que tinha vindo de pouco tempo que ela tinha arrumado em Recife... de Hacció... que as empregadas de lá ganhava menos do que de Hacció, aí ela mandou buscar uma pra ganhar menos na casa dela. Então, ela... não sei como... acho que foi as filhas dela brincando - porque elas que



(18)

tinham assim uma prateleira no quarto da empregada que tinha brinquedo de boneca, assim cozinha, sala, não sei o quê, não sei o quê, cozinha de boneca, né? Eu tinha quase certeza que foram aquelas crianças que 'pauharão' a tescura da empregada. A empregada ~~per~~ perguntou as crianças, as crianças, claro, que iam dizer que não, né, aí perguntou a mim: "eu muito novos" que não tinha tempo de brincar, eu não tive tempo de brincar, eu não tive infância, eu só tive de infância a idade mas eu não tive nem infância nem juventude, só a idade porque não pode ser tapado, ser tirado. Si ela... eu dizia que não peguei, ela dava o bolo e dizia: "eu não estou perguntando se você pegou, eu estou perguntando onde é que está." Eu dizia: "mas eu não sei, eu não peguei" "não estou perguntando se você pegou, eu quero saber onde é que está" Si me deu uma dúzia de bolos, as minhas mãos ficaram todas pretas por aqui perto dos dedos, polegar e eu sem poder fechar a mão direito mas tinha que continuar trabalhando. Si, olha ela era tão ruim, aí eu disse a ela que

tinha jogado pro outro lado do muro, aí
lá fui eu procurar uma coisa que eu
não sabia, cheguei lá, cisquei pra lá,
veio uma empregada junto comigo,
cisquei pra cá, cisquei pra cá não
tava procurando nada porque eu nunca
tinha visto o lado da tesoura, disse
que era tesoura de unha e eu nunca
tinha visto a tesoura, a mulher era tão
ruim que a empregada... dentro de
pouco tempo eu contei umas seiscentas
empregadas que entraram na casa dela.
Tinham empregada que entrava de ma-
nhã e saía de tarde sem saber nem
quanto ganhava que dizia... algumas
diziam assim: eu sabia que não
ia durar na sua casa, eu vim aqui
porque me disseram que a senhora
matava as empregadas de fome, agora
estou vendo que é verdade. "Ela
ficava p... da vida, mas algumas
falavam isso e se mandava.

M - Vocês não tinham direito a comer
o que vocês queriam não?

J - Não. Eles diziam assim, quando
ela tratava com a empregada ela
dizia que era pra comer de tudo que
eles comiam numa mesa e que a em-

(20)

pregada comia. Tudo que come, sobre-
mesa não sei o quê, frutas... Mas
acontece o seguinte que o que sobrava
de melhor ela dizia assim: Fulani-
nha gosta de sólido, Beltraninha gosta
de sólido, aí deixava aquela comida
melhor aquela carne, né, que era
mais a carne, aí dizia pra empregada
na maioria das vezes, assar um peda-
cinho de carne seca, fritar ou de baca-
lhan (naquele tempo bacalhan era ver-
gonhoso até comprar, hoje ninguém
pode nem olhar o preço do miserável
de tanto que botaram o olho. Mas na-
quele tempo quem comprava bacalhan
era gente muito pobre, tá?). Ela sempre
comprava pra fazer bacalhoadão do norte
com coco, com não sei o quê. Lá ela
dizia na última hora: Tem um peda-
cinho de carne seca faz o almoço de
vocês. Sabe que ela fazia feijão uma
vez por semana, só na segunda-feira,
ficava terça, quarta, quinta, sexta, sába-
do e domingo sem feijão. Então aquilo
a gente fazia o seguinte ela mandava ~~pra~~
~~pra~~ fritar a carne e fazer farofa. Sabe
o que era farofa lá? É o seguinte,
a gente bota água pra ferver e bota fari-

nhá no prato abce. um buraco com o dedo no meio da facinha despeja aquela água quente bota um pouco de sal. Isso era pra ela mandava fazer pra gente comer. Na maioria das vezes era isso. Eu só chepava numa manga quando a metade estava estragada ela aí mandava eu aproveitar a outra metade, E era sempre assim.

Bem, o pior que eu tinha de desgosto era que eu queria aprender a ler e eu não podia ir pra escola e ela nunca me botou, disse que não me botava na escola que mulher quando sabe ler é pra escrever pra namorado. Agora os filhas dela, tinha filha mulher e tá na escola com certeza não ia namorar era só eu, né? Então eu fiquei também com raiva disso que nunca me botava na escola. Então quando as crianças iam ler, eu parava e ficava espionando os móveis e as meninas estavam lendo eu ia observar, né? Ai, eu me lembro que eu ~~ia~~ aprendia a ler assim apelidando as letras. Por exemplo o a, eu dizia que era um pau de cavalo que tem as cangalhas que ~~pois~~ bota no cavalo

que eu sabia no campo um de cada lado e bota letra ali ou cacóá e vai arrastando. Chamam lá, eles chamam de... o cacóá é o eles põem em cima eu esqueci do nome como é que eles dão aqui, meu Deus. Eu sei que dizia, falava o nome que eu não me lembro mais agora com um traço no meio, que é um V sabe. São dois Vs aqui e aqui e dois traços aí bota o cacóá aqui ou a letra é bota outro aqui. Tem um nomezinho, mas eu não estou lembrada. Si, eu dizia isso assim, assim com um traço no meio letra b, um traço com duas bolas, letra C, uma bola faltando um pedaço, letra d, uma bola com um lado chato, letra e, um traço com três perninhas, letra f, ... letra g, parecido com um gato, não sei o quê, quer dizer apelidei assim, si quando ela vinha, eu escutava o barulho do crinelo, saía dali depressa das costas das crianças e ia espanar as moças. E assim eu aprendi ~~de~~ abecedário ~~no~~ primeiro, né. Passou aí eu decorei aquilo tudo que as crianças liam da gramática, o que é ditongo, tritongo,

essas coisas eu aprendi tudo escutando eles, eu achava lindo uma pessoa ~~apre~~ abrir um livro ler e decorar e um perguntar o outro e isso assim assim? e o outro responder. Eu achava muito bonito isso. Então eu aprendi isso, né? Hoje eu não sei mais nada porque hoje minha luta virou pra outro lado. Fui aprender outras coisas com o povo. Mas aí o bonem notou que eu tinha vontade de aprender a ler e isso eu já estava com uns quatorze anos aí me comprou uma cartilha de 2ª série e abriu o livro, ele vinha almoçar todo dia em casa, abriu o livro assim + ou - ~~em~~ 11:30 hrs, meio dia e perguntou você sabe isso aqui? e me mostrou a página do ABC eu conheço esse aqui que era esse que eu te disse que eu aprendi, né? Si, disse: isso aqui tudo é abecedário, esse é de imprensa, esse é de imprensa, esse é não sei de quê, aquele é não de quê, e é minúscula e é maiúscula. Vou querer esta lição hoje às nove horas da noite. Você quando terminar a obrigação o trabalho oito horas você senta e estuda até às nove, nove horas eu vou lhe tomar



(24)

a lição. Quer dizer aquilo pra mim me
trêm de cabeça aos pés, fiquei num
estado de nervos tão grande, tão grande...
Que Deus me livre! Como é que eu vou dar
conta disso? Si, sabe como é que eu fazia?
Eu 'pantava o livro escondido da mulher
e ia arrumar o quarto, aí botava em
baixo de um pano em cima da pentea-
deira aí eu lia e saía espantado,
cochichando, isso é isso assim, assim
e limpando e a cartilha ali escondi-
da e a mulher não podia ver eu
com a cartilha no trabalho, né. Si
quando eu ia de noite que eu escoba
o meu trabalho eu já tinha lido aqui
lá, já tinha dado um repanto por ali
né. Si, a minha não tremia feito vara
verde, eu tremia de cabeça aos pés
quando ia dar a lição. Si quando
ele ~~disse que eu ia~~ veio e disse que eu
tinha que dar o abecedário todinho
como lição eu dei ~~o~~ todinho aí eu
já passei pra 1ª lição aí eu comecei
eu lia e não estava observando que a
cartilha era assim: um lado de impren-
sa e outro lado a mão. Eu não tinha no
tudo que era mesma lição eu lia não pres-
tava atenção...

M - Pensava que eram duas coisas diferentes?

J - É... diferentes. Depois de muito tempo é que eu fui notar. Eu fazia quando eu achava um nome com a letra bem garanchada, que era de imprensa, eu aí ia contar a outra letra mais... igual aquela, eu ia contar, até chegar naquela A,B,C,D até chegar naquela quando chegava naquela aí eu voltava pra fazer o nome que eu queria fazer porque eu já tinha descoberto lá no abecedário. Quer dizer pra mim foi difícil isso, não é? Mas eu fiz eu nunca fiquei um dia sem dar a lição, agora quando foi com poucas meses ele precisou de... ficou doente... sei lá o quê que ele tinha um negócio de abrir os pés chiques de finidas, acho que é ácido úrico.

M - Parou de te dar...

J - Parou de me dar a lição passou 5 meses sem me dar a lição, quando foi um dia ele se sentou, aí ele veio e disse assim e "nunca mais eu terei a lição dessa menina". "oh menina hoje, eu vou querer a lição". Eu já tinha lido e relido o livro sozinho. Aí eu fiquei na minha, pensei quero ver se eu sei mesmo. E novamente comecei a olhar lição com

(26)

ele e fui até o fim, aí eu só me lembro que eu levei um cascudo por~~que~~ eu ~~tenho~~ meio de pronunciar uma palavra não me lembro mais do que era...

M - Se você errasse você levava cascudo?

J - ApANHAVA, ia pro castigo apANHAR, era o medo que eu tinha, né? Nunca apantei por causa da cartilha, não, só levei um cascudo, que tinha uma lição que era versada no fim. Eu não me lembro mais dos outros versos mas eu me lembro disse que eu apantei: "A começar em dezembro: ~~so~~ em janeiro em janeiro so em dezembro tem fim." Era as quatro estações do ano rimada né em forma de verso. Se eu dizia: "A começar em janeiro, só em dezembro tem fim." "Como é menina? Lê de novo." E eu li isso não sei quantas vezes e não entendia né porque eu só dizia: "A começar em dezembro." Então eu tinha que dizer: começar e eu não dizia isso, né? Então por isso eu levei um cascudo, foi o único que eu levei por causa desta cartilha e disso foi que eu tive toda lição que tinha hoje porque daí eu dei pra pegar livro, ler, História, de fada, carochinha, aquelas histórias eu adorava ler

aquelas estórias. Si, eu fui desenvolvendo assim lendo aquelas livros.

M - Si você ficou lá trabalhando... e quando é que você...

J - Trabalhei lá durante 6 anos quando eu avisei a ela, a menina, gostinha de 2 anos, ela, essa menina tinha uma empregada, ~~não~~ quando fez um ano essa empregada foi embora, não, não foi essa não foi a empregada do garoto. Pra você ver a ruindade dela. Ela uma vez inventou uma mentira quando ela teve o terceiro garoto ela tinha uma empregada e a criança se apega muito, né? e gosta mais até da empregada que da mãe porque fica agarrado, vai passear... Então, eles inventaram uma mentira de novo, ~~essa~~ a filha dela inventou que a empregada tinha me levado na casa do lado que era uma construção e que a empregada 'tava namorando um empregado da construção e que tinha me levado pra lá por causa disso a empregada foi embora. Ela, então, rogar uma praga pra essa empregada que ela tinha que pagar, que não foi isso que a garota disse, que ela 'tava mentindo, aquela besteirada. Exogou uma praga: que ela havia

de morrer da pior forma que existia. Catapora.
 Ela tem que morrer de catapora. Si eu sou
 pro garotinho que quando perguntasse pela
 empregada, que ele chamava de Tati, que
 ele dissesse que ela tinha morrido de cata-
 pora. Si todo mundo que perguntava o menino
 dizia: morreu de catapora, morreu de catapora.
 Si a moça morreu. mesmo so que não foi
 de catapora, foi de tifo. Ela foi pescar num
 rio, quente, se lá, e pautou um tifo dentro
 do rio. Si ela voltou com a empregada toda
 de branco pedindo desculpas a ela, quando
 pautou o garoto pra botar no colo e ela acor-
 dou contando esta estória, aí daí a pouco
 uma moça branco com a cozinheira de
 lá dizendo a mãe da Jé do Carmo man-
 dou dizer que se você quiser vê-la pela
 última vez. Ela foi ver e ela tava
 muito mesmo. Não durou uma semana
 ela souber que ia num carro pra cidade,
 eles não tinham carro não, só no soubo,
 aí tinha o carro, e tava ela, o marido e
 a criança aí disse que a empregada
 veio de braços abertos de frente o carro
 com uma roupa branca de manga
 comprida correndo em frente o carro que-
 rendo abraçar o garoto quando foi no ou-
 tro dia veio recado de que a moça tinha

movido.

M - Você ainda ficou quanto tempo lá ainda?

J - Eu fiquei seis anos nessa casa quando fui com dezesseis anos a garotinha que era a meus nova que tinha 2 anos, tinha de 2 e a de 5, aí essa criança teve piolvinha, depois da piolvinha a pessoa fica todo marcada de preto né? A garota era moreninha ficou toda marcada de preto. Aí ela tinha médico no Banco do Brasil e eu ia levar a garota pra tomar banho de luz junto com a tia da garota. Nesse encontro de vai e vem, na volta a tia saltava (do bordo) e eu continuava até em casa. Nesse negócio eu encontrei um rapaz.

M - Por que que a mãe da criança não ia?

J - Não sei. Graças a Deus que ela não ia, que aquilo era um espírito de porco.

M - Aí, você encontrava um rapaz. Que rapaz era esse?

J - Era um que foi meu primeiro noivo, não casei e ele não. Aí, comecei a namorar e tal, mas sem... Meu namorado foi muito esquisito. Eu nunca dei mão do namorado, nunca beijei namo-

(30)

rado, o primeiro beijo q' eu dei foi no meu marido depois de casada, e cusei a acostumar... Então, eu encontrei c/ ele ~~3~~ 3 vezes contei p' ele minha situação q' era muito presa q' não soua p' canto nenhum. Bem, eu vou contar para ele que se eu não contar ele vai pensar que eu sou moça de passeio e para passear eu não quero namorar ninguém, que eu não passeio, não saio p' canto nenhum, não ia nem no portão. Si, ~~3~~ ^{com} 3 vezes ele me pediu a medida da aliança, a cozinheira tinha um anel que dava no meu dedo, eu emprestei a ele p' ele tirar a aliança, aí para começar o espírito de porco também já começava observando o cara para ver se era quem eu queria mesmo. Um cara disse a ele o seguinte: "olha, a aliança eu quero c/ nome (pq. usava o nome da pessoa na aliança, né) e bota por dentro, o se. (eu chamava ele de se.) e bota o nome por dentro da aliança, o se, pq. por fora parece q' está arranhada. Si, ele levou a medida da cozinheira, aí, ele disse: "olha, quando for seu ser esse

domingo, o outro (isso era um dia de sexta-feira) eu vou lá lhe pedir aí eu levo a aliança e levo a medida da moça. Mas eu tenho aqui um presente p/ lhe dar, como é que eu faço?" "Eu não vou levar" eu disse. "Pq. se entrar c/ esse presente ela vai me bater", aí eu ensinei a ele onde ele deixaria p/ aquele tempo existia o gás direto, (ali na rua era gás, era lampião de gás) aí, tinha um lugar junto ao muro da grade que tinha um... feito igual quase um bacia de gás ~~que tinha~~ mas c/ um relógio que era p/ marcar a quantidade do gás q/ gastava p/ mês. E eu mandei ele botar, ensinei o lugar, e botar ali, qdo. eu tivesse uma folga lá eu ia apertar. Uhu só, e quando eu notei q/ não tinha ninguém observando, eu fui lá e apertei mas apertei c/ tanto medo q, cheguei no meu quarto q/ era lá no fundo do quintal, botei debaixo da mesinha, do canto da mesinha que a empregada se penteava, por trás do espelho.

Eu acho q/ aquela mulher tinha o capeta junto c/ ela só podia ser o menino, filho dela, perdeu o livro que estava estudando, ela procurou

(32)

ligeiramente em casa e não achou,
foi procurar no meu quarto. O que
que o diabo do garoto ia fazer c/
o livro no meu quarto? Lá nos
fundos do quintal? no quarto de
empregada? Ah, ela foi lá, resul-
tado: quando viu o "troço" alto para
ver o que era, Tava o meu nome
em cima do embrulho, eu não
vi nem o nome que eu não olhei o
embrulho, eu pulei, voltei assim p/
trás, cheguei no quarto escondi e
voltei antes que ela me chamasse.
Ah, ela abriu, viu meu nome,
rasgou, abriu e era uma caixa de
pó, uma escova, um sabonete...
e não me lembrei mais... uma pasta
Pasta, escova, sabonete e pó de arroz.
Ah, ela veio de lá q/ veio danada,
falando c/ a irmã dela: "a seu-
vergonha anda c/ os dentes tão
seios e já arrumou namorado q/
de pasta, escova, não sei o quê."
Durante os seis anos, o que eu ~~me~~
~~eu~~ respondi a ela pela 3ª vez: "ah,
não foi isso não senhora, ele me deu
pp. eu disse que a senhora não me
dava." Ah, ela me meteu a mão na
cara. Ah, ela disse assim: "pp por
que você não disse que eu não deu conu-

da também?" "Ah, eu não disse isso pq
era mentira." Eu sei que eu apalhei na
cara mas fiquei na minha. Eu gostava
muito de cantar mas não podia cantar,
só cantava na hora de ensinar as crian-
ças, aí eu ensinava a criança menor, né.
Aí eu gostava, as vezes escutava o rádio
decorava as letras, ia completando os
pequinhos até completar as letras e,
isso durava tempos. Eu sei q/ eu já
tinha ~~em~~ escrito umas 4 ou 5 letras
num caderno que tinha sido a irmã
dela q/ tinha me dado dinheiro assim
de 500 réis em 500 réis que ela jogava
no bicho que eu q/ ~~tinha~~ ~~fazer~~ ~~o~~
ia fazer o jogo qdo. eu voltava tinha
regrão de 500 réis de sobra aí ela
dava uma vez p/ mim, ~~outra~~ ^{uma} vez
p/ ~~outra~~ sobrinha, outra vez p/ o
sobrinho maior e ficava. Assim
c/ esse dinheiro eu juntei, dinheiro p/ ^{com}
comprar um par de sandália que custa-
va R\$ 7,500, era uma sandália de salto q/
eu tinha vontade de comprar, ela dizia
q/ n comprava pq. eu n sabia andar de
sapato alto, aí, ~~eu~~ comprei esse cader-
no que custou 600 réis. O sapatinho, qdo
eu comprei, eu calcei logo lá no, onde
comprei, ~~pp~~ se eu chegasse em casa
c/ ele novo ela dava um jeito de to-

(34)

mar, jogar fora, mandar trocar,
qq. coisa, ela ã queria q. eu
usasse. Ai, eu já vim da rua, cal-
cada no sapato e o caderno, eu
escrevia as músicas, qdo. foi um
dia ela pegou o caderno, eu estava
escrevendo ela me pegou de sur-
presa, tomou o caderno e escon-
deu, ã sabia onde, qdo. eu fazer
a limpeza geral que era ao sabá-
do aí mudar as roupas de cama
e de mesa, achei dentro das toa-
lhas de banho, aí panfiei as 3 pá-
ginas q/ estavam escritas e botei
o caderno no mesmo lugar e avi-
sei a cozinheira q/ qdo. ela falasse
que quem rasgou o caderno, q' cê
pode dizer q' fui eu, já estava
por conta do cão. Todo dia tinha
q/ comprar um pão no ^{caderno} ~~paderno~~, o
paderno nunca botava um pão mas
nunca dava o pão eu tinha que
comprar no caderno um pão que
custava me parece q/ 200 réis.
Ai, todo dia comprava aquele pão
no caderno lá na venda. Udo eu
cheguei o latsafé estava feito, E' diep:
"Ih é o caderno." Ela veio: "Sua ~~seu~~
já com a mão na cintura: "Sua
sem-vergonha, quem que mandou

você rasgar o caderno, as páginas do caderno?" "Sim, eu baixei a cabeça, né?" "Foi você que rasgou?" "Foi sim, senhora." Eu baixei a cabeça. Ela aí ^{espreitou} ~~olhou~~ o caderno enrolou e ~~assim~~ assim no meu rosto, ru, ru, ru, "você fez papel de ladrona," ru, ru, ru. E passou no meu rosto e eu fiquei c/ o meu rosto pegando fogo, né? "Sim, eu disse assim: 'como ladrona, não' - a 2ª resposta dos 6 anos - 'como ladrona não esse caderno do jeito q/ eu rasguei ele, eu rasgava com cadernos desse pq foi sua irmã q/ me deu o dinheiro custou 600 réis portanto, ã foi roubado'." Sim, ela me machucou o rosto e disse que eu não pegasse mais eu nada do trabalho dela, que eu fosse p/ os fundos do quintal lavar minha roupa de cama, passar que eu ia embora no outro dia. Isso foi numa 2ª feira, qdo. foi na 3ª feira me botaram num trem, 5:30 da manhã e eu fui chegar em Itaguas 7:30 da noite sem saber onde estava pq. eu passei 15 dias mas ã conhecia nada de cidade de Itaguas, conhecia só a casa de meu irmão e ia p/ casa de minha madrinha q/ era em Ponta Grossa.

que o centro da cidade eu não conhecia nada. Cheguei tremendo de medo pq. lá em Recife tinha alguns casos de carregador na estação do trem, carregava as coisas e sumia. Era ladrão não era carregador e aí, me lembrando disso, saltei, só levantei, dali mesmo p/ saltar, qdo levantei, levei um susto que a minha perna 'tava dura, deu fígada no olho, quase que eu que eu caio. Eu não sabia que quem senta muito tempo fica assim. Si, eu levantei, tal, arrumei uma pessoa. Si, ela me deu 15.000 réis que foi o dinheiro p/ pagar quem fosse levar a mala na casa da minha madrinha. Qdo. cheguei na estação, saltei, perguntei ao moço q/ estava lá de carregador aonde era, e eu c/ um medo danado, se houvesse entrar por aqui num lugar que eu não conheço ~~de fato~~ por qq. lugar q/ me meter por aqui, e eu não conheço (eu pensando, né?) eu não conheço nada. Si, saí e tal. qdo. ele entrou numa rua assim meio esguita, eu disse assim: "escuta, que rua é essa? Eu conheço essa entrada por outra rua. Eu não sabia

nada) Ele disse assim: "Ah, mas por aqui é mais ligeiro." E eu tô certa mesmo, que a rua não é essa. Porque ela descaibou assim pra um lado, sei lá. Ai, eu cheguei disse assim: "O sr. se lembra onde tinha aquele cruzeiro, na rua Sto. Antonio?" Ele disse: "Não lembro." Eu disse: "Pois é, diz que está lá na casa dos pobres, né?" Foi que eu tinha visto numa revista com nome de Cruzeiro e o homem comprava e eu tinha visto essa notícia q/ o Cruzeiro tinha mudado o local em Alagoas. Ai, ele disse: "Sei onde é sim, tá lá sim!" Eu disse: "Onde era aquele cruzeiro e que é a casa do meu padrinho. É que era em frente onde era ~~era~~ o cruzeiro a casa do meu padrinho." Eu sei quem é, Manoel Caixão mora ali há muitos anos; como de fato morava mesmo, qdo eu saí de lá ele já morava há 15 anos, você imagine, era muito conhecido, era comerciante. Ai eu cheguei na casa de minha madrinha, as duas se juntaram em cima de mim, dizendo q/ eu tinha fugido, que eu tinha fugido e a minha irmã estava internada num hospital em Alagoas por causa da perna, que qdo dava frio ela ficava doente, andava c/ bengala e

dava muitas dores mas ela era q/ tinha que despachar no salão de minha madrinha, foi uma infelicidade para ela, né? Mas essa era a vida dela. E eu não tô sabendo de nada, tô em Recife sem saber de nada, 6 anos.

M. Ela estava internada no hospital?

J. Se ela estava internada no hospital.

M. Ela morava antes c/ essa madrinha? que você foi morar?

J. Pq meu irmão morreu em 36 e ela teve que ir p/ casa dessa madrinha que já tinha enfeitado a gente pq n tinha outro lugar p/ ela ir. A mulher do meu irmão trabalhava p/ sustentar o filho aí não quis a minha irmã que era um peso pesado para ela era mais uma boca, né. Si, fui p/ casa da minha madrinha, e ela tinha passes, só que era pão-duro q/ só uma praga, né? Pelo jeito você vê, comerciante, vendia de tudo no armazém, só n vendia carvão pq n costava, mas tinha de tudo no armazém, tinha desde o cal até o amarelinho. Si a minha irmã ficou sano interno, eu comecei a visitar ela no hospital e c/ 3 dias depois chegou uma carta dela

perguntando se a Tal tinha chegado na casa da minha madrinha, assim era eu. Ai, com 8 dias depois eu escrevi pro namorado e ele respondeu que 1 mês depois ia me pedir. Ai foi mais mo ~~com~~ a ~~gente~~ gente ficou se escrevendo assim o dinheiro, sobrou uns trocadinhos dos 15.000 réis e eu fui esticando aquele dinheirinho pra... eu tinha tanta roupa que qdo. ela disse que eu ia me embora na 2ª feira, que ela foi pro Centrozinho, no Pinheiro que era o bairro que a gente morava, ela foi um bairro com nome de Encruzilhada para comprar roupas em corte p/ eu levar p/ casa p/ quem quisesse pano lá eu fazer. Comprou uns retalhos e tal. Comprou 3 cortes de fazeta p/ mim fazer qdo ~~eu~~ ^{quero} quisesse fazer p/ mim qdo eu chegasse, onde eu chegasse. Eu já tinha feito um vestido p/ mim na casa dela que eu tinha muita vontade de aprender a costurar. Ai ela comprou uns retalhos, naquele tempo, ela tinha mudado. Tinha aparecido uma moda de vestido barrado em baixo e eu achava lindo aqueles vestidos pregados. Ai, ela comprou, acho que um metro e meio de pano pg. era uma fozenda larga, mas era metro e meio.

(40)

E eu fiz o meu 1º vestido. O único defeito que ficou nele foi que eu fiz a cintura da mesma largura que o quadril, mas tinha uma faixozinha pequeniniha que era só ~~de~~ ^{de} ~~da~~ ^{da} um nó, ^{acordada} aí ela veio me criticar que eu vi ela falando que eu era burra que só eu "tá vendo, não sabe nem fazer as coisas, tirou a cintura da largura do quadril." Como é que eu ~~ia~~ ia acertar se eu nunca tinha feito era só vontade que eu tinha de fazer um vestido p/ mim pq ela só fazia o seguinte:

M - Você faz a sua roupa hoje?

J - Faco. Eu faço os vestidos, eu ganho os vestidos velhos e diminuo e ponho no meu tamanho, dificilmente eu tenho um vestido q' é... Esse aí, essa calpinha que eu vii hoje, a blusa foi uns retalhos q' eu ganhei, costurei e ficou muito tempo mais do que 5 anos, aí que eu fiz aquela camisetinha que agora que estou vestindo roupa s/ manga, que eu nunca vesti roupa s/ manga. Jí, a saia, essa eu comprei o pano pq eu queria uma saia preta mas toda roupa que

eu tinha p/ uma roupa q/ eu ~~ganho~~ ganho,
é um retalho, se olhar direitinho você
vê sempre uma diferença na cor do
pano não é? Dificilmente eu compro rou-
pa p/ mim. Graças a Deus eu tenho sem-
pre uma pessoa que me dá alguma
coisa, sapato que eu tô usando eu ganhei,
esse relógio eu ganhei. Esse coisa, tem
uma blusa, aí, que é ~~ganhei~~ aquela
que eu dispensei que eu tinha deixado
aqui que eu ganhei, tem uma saia
amarela aí, que era uma roupa que
a minha sobrinha, não sei o que é que
houve, que ela não quis pq. dá uma
diferença, ela falou que é pq. dá uma
diferença no pano. Acabou que eu fiz
a saia e vesti. Era uma saia gôde
eu tirei um bocão da roda, deixei
gôde ainda mas eu tirei que tinha
muita roda e fiz p/ mim, quer dizer,
isso aí eu n' me preocupo, tem muita
roupa de roupa que eu sei que eu
vou morrer e vou acabar e/ a rou-
pa q/ tenho, calça, mas eu n' gosto de ves-
tir calça no verão pq. eu sinto muito
calor, fico suando pelas pernas mas é
sempre assim. Então, meu 1º vestido eu
fiz esse, tinha outros vestidos mais ou menos
que gôde. eu fui p/ casa dela, que como
eu levava a grata no médico, eu ia

(42)

c/a irmã dela ou, ou... eu só tinha esse vestido q/ eu tinha feito, o resto era tudo casa, reformado. "Vá, fulana, esse vestido essa menina só tem esse?" Todo dia, já 'tô enjoada de andar com ela, já 'tô vergonha. Todo dia ela só sai c/ esse vestido. "Só ela foi comprar uma fazenda fininha, não sei que milagre, do jeito que eu gostava, se ela soubesse q/ eu gostava, daquele pa- no ela não comprava. Era uma fazenda ~~fininha~~ assim, fininha meio divinha, rosinha bem claro e eu adorava, mas ela só comprava aquele xadrezinho va- gabundo ou comprava branco e azul, ou vermelho e azul, aí fazia igual camisa de dormir c/ uma tripa amarrada p/ frente fininha sem cavada, sem manga, sem nada, e eu detestava roupa cavada s/ manga, bem, aí, resultado, aí a irmã dela fez o um vestido do jeito q/ eu que- ria pq. eu gostava assim de uma saia pregueada, gostava de uma cintura baixa, " de uma faixa, gostava de nervura, então, eles nunca faziam só dava aquele troco daquele pique na cintura c/ aquele 'troco. "Só, a mulher fez esse vestido eu adorei, mas eu gostei tanto daquele vestido e

ai, a menina: "ô tia, não faz esse vestido assim não, minha mãe faz assim, assim, assim" "não quero ser opinião, deixe que eu corte, deixe que eu faço" si, fez do jeito que eu queria. Mas não fui eu que pedi não, sabe, eu disse apenas assim: "peixa, tinha tanta vontade de ter um vestido de preguiinhas c/ a cintura baixa e manga fofa..." Só disse assim, ai ela fez do jeito, que graças a Deus que eu não falei nas vistas da praça da garota, falei c/ ela só. E lá, ai, fez do meu jeito. Esse vestido era o que eu tinha novo qdo. fui p/ Nacério e esse outro que eu tinha feito que já estava muito batido, o resto foi 3 cortes de pano q/ ela comprou e botou na mala e eu levei p/ Nacério. Bem, daí, o rapaz foi mesmo me pedir com 1 mês depois, o rapaz foi me pedir em Nacério, qdo. ele foi me pedir meu padrinho falou p/ ele: "o sr. só vem agora no dia do casamento. Todos os papéis mande que eu prepare, qdo. for na época de casar." Pra mim aquilo era uma beleza pq. qdo. eu via um homem que se aproximava de mim como namorado, eu ficava com as mãos geladas que parecia mão de defunto. E eu nunca conversei assim, disse -

taumente c/ namorado, sozinha. Bem,
 aí, fiquei noiva 5 meses, dentro
 desses 5 meses pelas cartas, eu
 observava se era a pessoa que eu
 estava querendo. Então, ele escrevia
 e tal, qdo. chegou na época de ele
 marcar o casamento ele mandou os
 papéis, meu padrinho foi tirar o
 meu registro (eu não era registrada,
 que registrei c/ 2 anos a mais que eu
 eu tinha medo que ela viesse me
 buscar de volta aí era dois anos a
 mais p/ eu chegar a 21, aí me regis-
 trei como quem tinha 20 anos e eu
 tinha dezbito) Aí meu padrinho se
 responsabilizou, como eu não tinha
 compromisso c/ ninguém e na carta
 foi para o 1º juiz de Caxias, man-
 dar ir pedir no 1º cartório como q/
 ele também era livre p/ poder ca-
 par. Aí, ele se enganou c/ isso,
 disse que não sei o quê, que precisa
 advogado, que era bom que eu fosse
 p/ Recife na casa da mãe dele, que
 ele arcaria c/ as despesas e apressava
 o casamento... Eu digo eu nunca
 fui na casa da mãe dele, nunca sei
 c/ ele, sei lá se ele tem mãe, ele
 disse q/ tem mas eu não sei. Desde
 sempre já venho eu do inferno, já

estou aqui... Si, o que é que eu fiz?
quando disse a ele que minha madrinha
disse que eu só sou da casa dela
depois de casada. [Minha madrinha não
estava nem ligando pq. minha madri-
nha disse a ele que eu tinha que fazer
todas coisas que eu nunca tinha traba-
lhado na casa dela para pagar algu-
ma coisa p/ ela fazer p/ mim, tá]. Bem
pelas cartas eu ia observando; um dia
ele disse assim: "olha, preta, vou man-
dar um corte de vestido pelo correio."
Eu disse: "qdo. você mandar, você manda
branco (que eu tinha intenção de casar
de véu e grinalda). Ele mandou branco
e azul-marinho. Digo: "eu sou lá viu-
va para casar de branco e azul-mar-
inho" ~~disse~~ já comecei a botar ele num
disse; isso aí não está certo. Si passou.
Qdo. por uns tempos depois ele disse:
"vou mandar um conjunto", que era
calça, calcinha e combinação (que usa-
va naquele tempo combinação). Eu
disse mande branco pq. o vestido era
branco e azul-marinho, o miserável
vai e manda cor-de-rosa e eu tô
notando tudo isso. Isso é espírito de
porco pq. ele não é doido, aí passou.
Qdo. foi nesse negócio que ele disse que
eu podia ir p/ casa da mãe dele, e eu

(46)

disse que só sairia ^{de lá} depois de casada
que a minha madrinha tinha mandado
do falar e a minha madrinha não tá
nem ligando. Então ele disse o seguinte:
a moça qdo. gosta d'um rapaz não
vai atrás de pai e mãe, que dirá
de padrinhas. Pronto. Com isso
eu mandei uma cartinha para ele
que eu não sei o que eu tanto escrevi
o que eu sei é que tinha dezesseis
páginas botei dentro de uma caixa
de sabonete porque não tinha envelope
que desse e a aliança lá dentro
registre e mandei p/ ele. Acei-
tei o noivado.

A mulher, a minha patroa me
dizia que qdo. eu arranjasse um
namorado ia dizer quem eu era,
eu, aí, avisei a ele. Então, mas ela
dizia que eu era relaxada, q/ eu
era porca, q/ eu era preguiçosa. E
era isso que ela me chamava. Ele
me perguntou: "o que é que você acha
que seja?" Eu digo: "bem, ela me
chama de porca, relaxada e pregui-
çosa." Agora, o sr. vê, eu dou conta
de uma casa de 8 cômodos, tomo
conta de 2 crianças, tomo conta
do jardim, que ela tem mania de
vender flores p/ fora, e eu tenho q/

trazer o jardim em ordem, varrer o quintal bem riscado, tomar conta do canteirinho de horta que tem lá nos fundos, tomar conta das galinhas, e eu não sei o que ela acha q' eu sou e quem encerra tudo é eu (que aí já tinha encerradeira elétrica) essa varanda toda q' tem lá... o sr. olhe meu serviço q'do. o senhor for me pedir e observe se tá pouco se tá mal feito, para ver se é isso que ela lhe diz, isso tá por sua conta. Bem, q'do. ele foi pedir a minha madrinha eu fui e perguntei a ele: "o que é que a mulher falou de mim?" Foi aquilo mesmo que você disse, assim meio frio, né, mas também eu não tinha... Mas depois que eu acabei o noivado minha madrinha disse que ele tinha ido na casa da mulher me pedir pq. foi no ponto do bonde não me viu, só viu a mãe da criança c/ a criança no colo e a criança conheceu ele e começou a gritar e ele se escondeu. Depois ele bateu na casa de frente ninguém informou nada pq. eu não pude sair para avisar ninguém, tb. eu não tinha colega. Si, ele foi lá me pedir naquele dia. não esperou chegar o domingo. Quando chegou lá, ela deixou

ele pedir e depois foi que disse que eu tinha ido embora, que tinha me mandado embora, que eu era, ~~praticamente~~ disse: que eu era branca, safada, sem-vergonha, todos esses trocos, me deixou mais baixa do que cachorro. E eu acho que ele foi lá pensando que eu era cachorra mesmo, né? Só que eu não era, né? Entrou pelo cano. Ai, qdo eu acabei o noivado foi que minha madrinha disse que ela tinha dito que eu dançava até feio com os vagabundos no Carnaval, coisa que ela não deixava eu sair no Carnaval, tá? Quer dizer, essa foi a minha vida até encontrar o 1º noivado.

Passei 2 anos na casa de minha madrinha, daí 1 ano depois eu comecei a namorar José Pires. José Pires era viúvo. Foi uma coisa muito engraçada.

M. Ela já era viúva. E os filhos dele estavam com quem?

J. Já era viúvo. Ele tinha 3 filhos só que o que a mulher morreu por causa dele, morreu com ... acho que com 1 mês, não sei bem, morreu na casa lá da sogra, da mãe

dele, né?

M. Morreu de quê?

J. Não sei por quê não. Não sei. Eu sei que a criança morreu. A mãe morreu de parto e a criança não criou morreu c/ 1 mês. Ai...

M. Ficou só c/ 2 filhos?

J. Ficou só c/ os 2. Ficou c/ os 2 que eu criei. Foi um negócio...

M. Ele morava aí?

J. Morava em Alagoas. A irmã dele comprava crédito lá em casa. Olha só a coisa engraçada! Comprava o crédito lá, eu levantava (mesma vidinha q/ eu tinha na outra casa) levantava 5:30, na casa de minha madrinha era a mesma coisa, só que cá não tinha mais criança p/ me perturbar e o meu serviço era um serviço livre. Eu gostava de trabalhar em balcão, de fazer contas pq. eu aí comecei a escrever, eu tocava a letra leve, até hoje se eu ficar nervosa o ~~eu~~ fica quadrado, ali eu encaixava o lápis e aprendia a escrever assim, um pouco assim, escrevendo a lápis. Porque lá eles me davam uma cópia p/ eu fazer que eu até decorei aquilo e fazia mas não sabia bem de jeito nenhum. Sabia todas as letras mas

tudo alijadas, pp. eu 'tava nervosa e claro; oito horas p/ dar a lição nove horas com conta e/ cópia, e/ tudo e leitura, eu ficava doída / Então, eu não acertava. Eu era considerada burra pra escrever. Então na casa minha madrinha eu fazia contas de somar, eu copava dela do pessoal que eu 'tava cuidando aos domingos eu ia p/ coisa de feijões, cobrar, eu despachava de 5:30, eu levantava, abria o armazém, varria, contava pão, despachava no caderno, quer dizer eu fiquei o braco direito da coisa, apesar dela 'não ter me reconhecido como isso. Então, qdo. eu desmachei o noivado, que qdo. eu cheguei na casa dela eu disse o seguinte: "olhe, minha madrinha eu não vou ficar na sua casa. Eu vou querer arranjar, um emprego de casa de família." e eu já tinha sido enjeitada né? Então eu tinha aquilo na cabeça. Ai comecei, naquele tempo tinha mata-mosquito uma vez por semana, aí eu pedi ao mata-mosquito p/ arranjar um emprego p/ mim mas era dificilissimo, que a pobruza estava rotando. mas aí qdo. ele foi me

pedir, ele pediu p/ minha madrinha
n' deixar eu trabalhar fora, que se
quisesse ele, até, pagava para eu não
trabalhar. Se eu trabalhava no ar-
mazen.

M - Ihum falou isso?

J - O namorado 3º q/ foi me pedir q/
foi meu noivo. Si, fui noiva 5 meses,
qdo eu terminei o noivado, aí eu
disse: "e agora me madrinha? agora
vou querer achar um emprego de no-
vo." Ela disse: "Sh, n'prona, agora eu já
estou acostumada c/ o seu trabalho,
você faz o seguinte: se você quiser
ficar aqui, você fica. Só que você
escolhe ou eu lhe dou tudo ou eu
lhe pago 20.000 réis por mês, só posso
te pagar isso." Si, eu com medo do
"dou tudo" da outra que n' me dava
titica nenhuma. Si eu digo: "Eu pre-
firo os 20.000 réis" P' aí se eu quiser
comprar um sapatinho melhor junta-
va 2 meses mas comprava + au - do
meu gosto. Qdo eu queria comprar um
vestidinho melhor eu juntava 2 me-
ses p/ comprar a fazenda, mas com-
prava do meu gosto. - Tem alguma coi-
sa p/ mim. - Então,

M - Oi desculpa...

J - Foi aí que eu deixei, ele ..., depois q/

eu acabei o novado, eu fiquei na casa dela, preferi ~~que~~ ficar com os 20.000 réis. Ai qdo foi depois de 1 ano + ou -, acho q/ mais de 1 ano foi que eu comecei a namorar o ~~meu~~ Zé Furça. ~~O Zé~~ A irmã dele comprava a crédito lá em casa qdo. foi uma vez ele passou e eu vi e notei uma diferença nele, né? Não sabia quem era ele, né? E perguntei a minha madrinha: "Madrinha quem é aquele homem q/ vai passando ali?" Ela olhou e falou assim: "Aquele ~~o~~ homem é irmão da Yvêisa, aquela que compra aqui a crédito." Ai eu disse: "ah é, é." "Mas ele é casado" Ai eu falei: "puxa vida." Eu gostei, né, logo assen de... mas é casado, acabou morreu, né? Pronto. Ai deixei pra lá, né? Não me lembrei mais da conversa. Assen. Vdo. foi depois, um dia, chegou uma colega, que eu só tinha uma colega na casa da minha madrinha que morava assim quase em frente, ~~em~~ tinha um cara querendo me namorar mas eu nã gostava da cara dele. Ai todo dia de noite ele ficava em frente, que era uma barbearia e um bar do meu padrinho, tinha

uma casa de família, nesta casa ...
Se essa colega eu tinha falado e/ela
que tinha esse cara me olhando, né.
Então eu não gostava dele, de noite
qdo acabava o movimento, ia as-
sim ficava + fraco que a gente aprovei-
tava até o último minutinho, 23:00,
meia-noite era hora que se fechava
o armazém. Enquanto tivesse négo entran-
do pra tomar uma cachacinha, quinta
madrinha ficava aproveitando os troca-
dos. Se eu já me sentava de costas p/ a
rua pq eu já n gostava daquele
cara e ele ficava sentado na porta
da barbearia e eu ficava com vergo-
nha que alguém dissesse que eu es-
tava namorando ele. E eu não gostava
dele. Então, ele tinha o cabelo muito
liso, muito brilhoso. Se eu combinei
c/ a minha colega quem visse ele 1º
dava o sinal. Então o sinal era o
seguinte: qdo eu via ele eu dizia: "
Julietta, tu já viu gato & melado de
bambá?" Se qdo era ela, ela dizia: "
Aqui hoje teve um pinto molhado!"
E era... a minha madrinha notou
logo o que que eu estava falando, e ~~ela~~
disse assim: "She faço um carão, te
passo um carão que era capang do
bomem desconfiar, não sei o quê".

Eu ~~eu~~ não tem nada c/ isso que eu não mando ele ficar ali feito uma besta olhando p/ mim. E qdo vai embora ainda vem aqui pq. sabe que sou eu q/ estou aqui para despachar ele. Tb. eu jogo o troco c/ uma má vontade que eu não sei pq. que ele vem aqui. Vm aqui pq. não tem vergonha? Eu falando c/ ela, né? Passou. Qdo. foi um dia, a Julieta, que era minha colega, disse assim: "Móera, morreu uma mulher de parto ali em cima, vamos lá ver?" Eu disse: "Bem, eu vou conversar c/ a minha madrinha se ela deixar... pelo tom que ela responder eu sei se vou ou não pq. de acordo c/ que responder eu sei se ela vai deixar ou não, depois eu te ^{devo} a resposta. Se eu falei c/ a minha madrinha e ela não a mínima. Se eu já sabia que ela ia deixar eu sair, e eu avisei a ela que eu não ia, não. Bem, resultado e/ dias depois é que eu fui saber que era uma mulher gorda, que não sei quem, que ti ti ti, tá tá tá. Mas eu não conhecia no armazém ia muita gente eu não ia decorar a cara de todo mun-

do. Vdo. foi... si daí uns dias o José passou puxando os dois filhos pelo braço, os 2 filhos. si dia de domingo o armazém fechava a porta e abria às 5. Então com essas horas que ficava fechado eu tomava banho, almoçava e a Julieta, eu fazia cacho nela e fazia cacho em mim pra de tarde qdo abrisse o armazém eu 'tava arrumada e ela lá, estava arrumada também na casa dela. si qdo. ela saiu me chamou: "Morena, vem cá" "Cheguei no portão ela me mostrou ~~o mesmo homem que vai ali~~ e mulher daquele homem que vai ali foi que morreu de parto que eu lhe chamei pra você visitar naquele dia" si, o que eu vi foi o mesmo homem que eu tinha visto que era casado, que era o Zé Pureza. Mas eu também não dei bola não, ai, já fiquei c/vergonha pq. ele era viúvo. Eu queria era solteiro. Bem, aí passou. Vdo foi depois, dias depois, veio uma irmã da minha madrinha comprar querosel, qdo eu despachei o querosene que ela volta, ~~ela~~ diz: "Morena vem cá" Vdo eu chego lá ela cochichou no meu ouvido: "nô sei ^{que} não sei o que viúvo fez" si eu pensei que era

o cara que eu chamava de gato
 lambido na banca que era viúro,
 fiquei c/ uma vergonha tão qde!
 Pronto. si foi que danou tudo p/ q
 aí, é que eu só sentava de costas
 p/ rua por causa do cara. si,
 passou qdo. foi um dia, chegou o
 dia 02 de novembro, que era dia
 de Finados, minha madrinha pergun-
 tou se eu queria ir no cemitério
 que ela ia levar umas flores p/
 o sogro dela que tinha morrido
 a pouco tempo, eu, aí, disse que
 ia, ela que se eu quisesse chamar
 a Julieta que podia mas que n po-
 dia ir no cemitério não, que lá
 não tinha festa lugar para ir...

foi ao cemitério, e no outro dia já disse que
 me viu lá e perguntou se podia me entregar uma carta.
 respondeu: Sim. Com poucos dias depois, ele me pediu em casamento.
 meus padrinhos disseram para ele que só neste
 dia era que ele poderia falar comigo
 e que as despesas de enxoval ficava por
 conta dele, ele era viúro, veio para o
 Rio com os dois filhos, e escrevia para mim
 e eu respondia ^{isto} em 1942. Ele começou a
 trabalhar, um dia ele me escreveu dizendo
 que estava trabalhando na central do Brasil
 e que iria para Passaúna de Moura
 construir um quartel, e sem eu esperar
 ele me fez a Surpresa de chegar

→ Fita 2 → continuação - Lado A

J- Não, ele chegou em 16, e chegou de surpresa, chegou em 16 de agosto e casamos no dia 29. Eu não tinha contado nada, minha madrinha não aprontou nada pra mim nem ele, porque ele tava trabalhando tava com filho aquela casa toda e agente não ia morar em Ilheus a gente vinha para o Rio, então não arrumamos nada.

M- Ai vocês dois decidiram que ~~viriam~~ ^{viriam} para o Rio?

J- Ai, ^{ele} ele foi lá falou com a minha madrinha, que ia casar até o fim do mês pra aprontar os papéis, aí meu padrinho foi aprontar os papéis, né! Nós casamos no dia 29 de agosto, ficamos esperando dois meses que viesse navio, todo santo dia tinha que ir no cais do porto.

M- Nesse período ele ^{ficou na} ~~morou na~~ casa da sua madrinha?

J- Não, ficou na casa da família dele, no caso ele tinha a mãe, tinha uma irmã casada, ficou lá na casa dele.

M- E você?

J- Eu fiquei na casa da minha madrinha, eu tava na casa da minha madrinha.

M- Mesmo casada?

J- Não, não, depois de casada eu fui pra casa deles, da família dele, a casa da minha sogra. Porque tanto fazia eu estar esperando ir logo no outro dia viajar como ir daqui a seis meses. Porque foi no tempo da guerra, aí não adiantava ler jornal, que não sabia quando viria navio que naquele tempo estava sendo bombardeado os navios nas águas da Bahia. Tinha ido já um bocado de navio à pique, mesmo assim o José ia todo dia lá no

(2)

cais do porto saber se tinha navio, até quando foi em novembro, se não me enganar no dia 1º de novembro chegou um navio, fantástico, aí eu me lembro que a gente foi lá, quando a gente chegou lá, eles disseram que o navio só ia chegar, depois que a gente carregou algumas bagagenzinhas, algumas coisas que a gente tinha que o navio só ia sair no dia 2, aí eu voltei na casa da minha sogra, dormi lá e no dia 2 nós fomos novamente para o navio.

M- E nesse período ele ficou sem trabalhar?

J- Ficou, ficou sem trabalhar, aí sabe o que a gente fazia? Bem, ficou sem trabalhar. Ficou no mês só o dinheiro das compras que tinha pedido, não gastava nada na casa da minha sogra, a irmã dele garantia a despensa da comida, com ele e comigo, né?

M- Seis meses, né?

J- Não, ficou dois meses. Eu disse assim porque tava no tempo da guerra não se podia contar com navio, ~~por~~ ~~de repente~~ ^{em} aí, o navio chegou no dia 1º de novembro, no dia 2 ^{na noite} ~~de manhã~~ ele saiu, a tardinha ele saiu.

M- Você vieram pro Rio sem nada?

J- Aí viemos sem nada, só com a roupa do corpo, porque o que a gente tinha de roupa; ele eram os ternos dele, as roupas dele e eu a minha que eu do outro navio tinha feito só uma colcha e disse eu tinha feito outra, mas mais simples ainda porque o que eu ganhava, vinte mil réis, não dava pra eu me arrumar pra casar, só dava pra comprar as minhas roupas pra vestir. Aí o casamento foi só no civil, também, que aí o José falou com a minha madrinha que não fazia

D

muita vontade de casar no padre, que não ia muito com a cara de padre. Ai minha madrinha aproveitou que se não fosse casar no padre não gastava nada e ai ^{aproveitou} ~~eu~~ ^{ele} e eu fiquei sem casar do jeito que eu queria, casei no tal do comum, só no civil... Ai foi a segunda, com diz o outro, mais uma decepção no que ^{eu} tinha montado pro casamento

M- Mas ai você já não podia fazer nada?

J- É claro, não pude fazer nada, casei e por falta de vinte mil réis não tive meu vestido, não tive meu véu, não tive minha grinalda, não tive até a almofada, com vinte mil réis eu alugava tudo. Mas eu não tinha os vinte mil réis pra alugar né? A igreja era alugada. Então fazer mesmo com roupa simples, esperei fui embora em novembro, cheguei aqui os filhos dele já estavam aqui, ai passei mais ou menos uma semana na casa de um cunhado que era noivo, já tinha uma casa alugada e estava arrumando a casa pra casar ai cedeu a casa pra gente, guardou a casa pra gente ai o José foi apANHAR os filhos dele aonde estavam, tava na casa de uma senhora, a D. Carmem. Apanhou lá na casa da D. Carmem, a menina com uma D. Carmem e o menino com outra D. Carmem que eram parentes, ai trouxe os dois e eu fiquei ali naquela casa com uma cozinheira e um quarto durante pouco tempo, foi no máximo durou um mês porque depois ~~eu~~ ^{meu} marido arrumou uma casa em Leopoldo, quando ele disse: Arrumei uma casa pra gente morar em Leopoldo, eu disse assim: Eu não gosto desse lugar, nunca tinha visto, mas disse que não gostava do lugar e disse: Esse

(4)

lugar não é bom não?; aí ele ^{disse:} ~~disse:~~ -

- como é que você sabe?

Eu digo:

- Não sei, não tô gostando desse nome.

Bem aí, passou, ele vai daqui, vai da praça, da a casa aí ele me avisou:

- Olha moçera, você não dá muita bola pra vizinhança do lado. Eram cinco casas iguais e um banheiro só e você vai ter que ter muito cuidado porque a vizinha é metida a macumbira e gosta de brigar.

- Ah, eu digo:

- Já vendo José, por aí já está um negócio que eu não gosto que é brigar. Então já está explicado o porque do meu recuo.

Mas mesmo assim eu tinha que sair da casa do homem, que eu estava emprestada lá. Ah, fomos pra lá.

M- Mas vocês não tinham NADA?

J- Não tinha nada quando fomos pra Cordovil.

M- Como é que era cuidar dois filhos, sem nada no corpo, sem nada?

J- Sem nada, na casa que foi do meu cunhado a D. Lornem me deu uma cama de solteiro que eu botava os dois meninos que era um casal, mas eles eram pequenos, eu botava os dois pra dormirem juntos naquela cama. Já o Zé comprou uma cama de segunda e décima mão porque era muito velha, comprou uma mesa já até arrumada de um lado, comprou duas cadeiras e um fogão de carvão...

os pratos 20. Felícia me deu era uma parente espanhola que ele conhecia e era uma dessas parenta que tava tomando conta na cidade dos filhos dele, me deu uns pratinhos e foi com isso que eu fui começar minha casa... Aí fiquei com a disputa de sair da casa do meu cunhado e fui pra casa de Cordovil, levei meus cacarecosinhos, cheguei lá a mesma coisa, não tinha um tanque, não tinha nada, foi preciso comprar uma bacia, vivia numa dificuldade, não tinha água a casa, tinha que lavar as roupas nas casas dos ^{senhores} vizinhos que era duas ruas depois, enfim, apaguei filho, filho pra mim, graças a Deus, foi doença porque eu adoei tanto... da marca da gravidez foi tão grande que eu marquei sem nunca ter tido filho nem conhecendo de assunto de família, marquei o dia que o menino ia nascer. Durante o ano todo passando mal, eu disse:

- Olha o menino vai nascer de 17 a 23. Porque no dia que eu apaguei o menino no outro dia já ~~me~~ amanheci ~~doente~~. Foi um troço doído! E foram nove meses doente, tive o filho e continuei três meses doente. Depois apaguei outro, o menino nasceu muito magro, muito seco, com irriteção, porque eu não comia nem dormia. Como é que a criança ~~ia~~ ^{ia} nascer bem? Não podia ir no médico, porque eu tava com dois enteados, já deixar como e aonde? Num lugar estranho, que tinha gente que eu não tinha conhecimento nenhum. Aí, eu sei aquele ano todinho, só a noite toda cuspiendo, acordada, quando ia fazer a comida dava ânsia de vômito, uma coisa

(6)

horrorosa, quando ia lavar roupa na casa do senhorio eu ia apertar as últimas peças do tanque as pernas dava uma câimbra que eu ficava pendurada pela barriga no tanque, quando ficava parada em pé pra apertar a roupa, que era aquele tanque fundo que não era só pra mim. E foi maior inferno.

M- E o José nessa época fazia o quê?

J- Ele era pedreiro, depois eu passei seis meses lá em Bordeaux, a menina adoeceu quase morreu, deu uma diarreia que Deus me livre e eu doente que só uma "vacã", a menina era miúda com quatro anos só queria sair de colo, era gorda, ele não podia carregar ela no colo, aí um dia ele teve que deixar o trabalho e disse: - Você não vai trabalhar, já pra levar essa menina no médico, ela vai pedir colo e eu não vou poder dar.

Era uma diarreia constante, aí mandei parar com esse negócio de xixadeira, não sei o que. Disse que era ventre virado e que foi susto que ela tomou, como de fato ela tinha tomado um susto muito grande com um temporal, eu também me assustava muito porque lá no Norte não tem esses temporais. Aí, ele levou ela ao médico, aí ele veio e ainda me lembro do nome do remédio que veio pra ela tomar tinha o nome de Quolevin, ela até dizia para o cunhado que estava comendo ouro, meu cunhado que era tio dela. Alizia - Eu tô tomando remédio de ouro, tomando re-

médio de ouro.

~~Eu~~ eu dei a metade do remédio

Porque o remédio se chamava Qurolerin, aí eu dei a metade do remédio e adiantava a mesma coisa, quando eu fui olhar a bula o médico tinha ^{por} ~~mais~~ ~~menos~~ ^{menos} quantidade do que marcava na bula, aí ele fui passei a dar como estava na bula e a garota ficou boa, com o remédio, né? Ah com seis meses depois eu me mudei. Eu comia uma vez por semana, porque todo domingo passava angue à baiana, aí eu não queria comer aqueles comi-elas que eu fiz, que eu colocava aquilo no fogo ficava enfiada, o estômago rolava, saia aquela água verde, sei lá o que, botava aquele tço pra fora, fiquei dum jeito que pra eatar muito quilo de feijão não podia passar uma vsta, me dava tonteira ali duas vezes eu ia me deitar e passava aquele tço e eu voltava pra eatar feijão. Foi uma dança, gravidez pra mim foi uma doença. Aí, eu chamava o homem do angue à baiana, que tinha comida lá, às vezes tinha carne, peixe, tudo lá mas eu queria aqueles filhotes não. Eu comia, se fosse pra fazer vizinho eu comia, mas eu ia lá em casa de vizinho pra comer? Não tinha conhecimento com ninguém; aí eu comprava ^{o prato} ~~o prato~~ ^{de} ~~de~~ angue à baiana e comia, mas a verdade que eu tinha de comer era manga verde, laranja verde, cajuí-manga, esses tços que não tinha. Quando foi depois, às vezes a gente ia pra Trajé, pra casa de uma eunhada, aí lá eu comia ela fazia tas

(8)

bem, que eu comia.

Bem, aí eu me mudei, passei seis meses e fui pra Brás de Pira. Quando chegou em Brás de Pira, a casa era melhor era também um cômodo mas era meu mesmo, né? Porque tinha alugado pela gente e a gente não tinha móvel, aí tinha uma cozinha e um quarto grande ou era um quarto e um sala eu não me lembro direito, eu sei que as exônegas dormia lá também eu não me lembro se tinha uma divisão no quarto e a gente fazia a cama dos meninos eu sei que era um cômodo grande e a cozinha, a cozinha não era direita não, era um troço acumado. Foi uma casa que a mulher dividiu e alugou a metade, a cozinha era improvisada, aí eu fiquei ali mais seis meses e ali o Edson nasceu, fiquei mais junho mais ou menos, junho não eu fiquei seis meses, é! Mais julho nesse casa quando foi em agosto o menino nasceu, o Edson, o primeiro. Aí quase que eu não tinha força pra botar o ^{menino} ~~menino~~ pra fora foi um parto seco, a mulher que era uma parturira velha que Deus me livre ainda dizia que eu não queria ser mãe que não sei o quê, eu não sabia era como ter o filho, eu nunca tinha tido filho, ela mandava fazer força e eu fazia o que eu podia né? Porque, depois ^{quando} ~~que~~ a minha filha teve filho que comecei a contar uns papos dela ~~foi~~ ^{foi} que eu fui

saber que era perigoso, mas só fui saber depois que ela contou, o que passou com o filho dela. Ela disse que com os papos que eu tive com ela o que eu tive era parto seco, ~~mas~~ ^{foi que} eu fui saber o que diabo era parto seco. Aí, eu sei que eu considerei aquilo uma doença, né? Depois nós mudamos daquela casa e fomos morar mais pra cima na rua Suruí, aí ~~eu~~ ^{eu} entrava pela rua Bastos Muniz pela casa de uma senhora que já tinha sido vizinha do José, que era essa família espanhola aí eu fui ser vizinha dela também sendo que minha casa dava pra rua Suruí e a dela pra Bastos Muniz e a gente se deu muito bem ali não uns três ou quatro meses eu apantei o Cosme, o outro filho, ~~mas~~ eu digo:

- Bem aquele foi assim porque era o primeiro, o segundo pode ser diferente. Foi a mesma coisa, só não passei fome igual, porque essa senhora sabia, via como é que eu passava aí mandava o Zé eu comprar alguma coisa, lá em casa tinha comida mas eu não queria comer o que eu fazia, aí eu não comia, nem café... Aí, ela mandava às vezes uma sopa espanhola, mandava um sanduíche de coelho, fazia agulhas comidas e mandava lá pra casa um prato, né? Aí eu comia aquilo, aí o garoto nasceu até forte o Cosme, mas o Edson não era um saco de pilanxa que dava vontade de balançar pra vê se tava chucalhando, era um monte de osso coberto de pele, quando foi com cinco meses adoeceu, né? Porque eu não tinha leite, até aí eu tava

pedindo leite aos vizinhos que tinha pra dar, porque eu não queria acostumar com alimentações, comecei a dar diarreia, quando foi com cinco meses eu comecei a andar com ele pra hospital, aí deixava dois em casa e ia com o Edson, andei tudo que foi farmácia, hospital, posto onde, ^{era} ~~que~~ ^{na} Penteira que diziam que dava mamadeira e eu aí ~~pensava~~ ^{pensava} que mamadeira talvez o médico da farmácia quando ia na farmácia, no posto, dizia que era melhor do que o leite que era preparado, esterilizado. Eu sei que eu fui e eles disseram que não eram baba ~~dele~~ ^{dele} pra tá dando leite pra ninguém, depois fui pro médico disse isso, o médico disse que era mentira que ele não tinha dito isso pra mim, quer dizer passou fúo, toda vez que eu ia no médico era quase todo dia... Aí, chorava à bessa porque eles diziam que o menino ia morrer, que o menino não tinha doença nenhuma, ele ia morrer. Toda vez, todo dia eu vinha chorando do médico, né? Eu sei que eu andei quatro anos com o Edson pelos hospitais, tratei na Policlínica, andei em vários hospitais fui parar na Policlínica Miguel de Frias, lá no Rio, no lado de Estácio de Sá lá praquelas bandas tratei quatro anos, parou a diarreia quando ele tinha um ano e um mês, aí começou a sair pereba, ele tava sempre doente. Ele passou cinco meses

com o mesmo tamanho que nasceu, cinquenta centímetros e mesmo peso, cinco meses a mesma coisa aí, depois eu fui levei ele nesse hospital, eles davam remédio, depois eu adoeci fiquei dum jeito que quando chegava assim as pernas não queriam andar, chegava num lugar que tinha lá em baixo, na Ponte dos Marinheiros, não sei se você sabe onde é que vai lá pra Leopoldina ^{do} ~~de~~ um pouquinho daquela estação Barão de ~~Ita~~ Mauá no Rio. Ali, tinha um sinalzinho, ainda tem só que agora tem um bucado de viaduto por ali, aí eu chegava ali e ficava esperando o sinal abrir pra mim e eu tô com o menino no colo e o sinal abria, fechava, abria, fechava, passava um tempo assim na minha cabeça não sei o que era e eu tinha uma espécie de um esquecimento daí a pouco eu me lembrava que eu ia pro hospital e saía correndo pra atravessar os carros fluía em cima de mim, foi um inferno.

É eu notei que eu não estava aguentando mais andar com o menino, fui no hospital Getúlio Vargas, quando chegamos lá ele fez uns exames o médico disse que eu estava com fraqueza geral e que eu ia morrer no meio da rua com o menino no colo, e aí eu disse que não podia fazer nada, que o menino era doente... aí ele disse o seguinte:

- A senhora, faz o seguinte...

Aí nessa época eu já estava com dois, lá em Brás de Pina apanhei o menino, com os quatro me-

(12)

ses que eu tinha apanhado o primeiro eu apanhei o segundo, aí começou com um ano e meio o menino teve bronquite, aí eu tratei da bronquite com "bola de porco do mato", quando foi depois ele teve piodermite, o Cosme, ficou do joelho pra cima em carne viva, todinho em carne viva, aí eu deixava de levar outro levava ele, apanhei nessa época aquela doença que dá nos olhos que já era um infecção de quando eu era criança faziam doze anos que não dava, repetiu doze anos depois eu já estava com o Edson, como Cosme, esse em carne viva, eu levava ele pro hospital vestido numa camisa de pagão, quando eu voltava tinha que colocar ele de molho pra poder tirar a camisa, aí o médico passava pomada-nato, pomada de zincó, mas sei o que mais, aplicava uma injeção sobre a carne, eu sei que durante oito dias eu ia todo dia ia no médico com o Cosme, toda dia que era pro médico ver se tinha que tomar outra injeção, aí ele dizia:

- Não precisa!

Trago amanhã, e ele continuava dizer:

- Não precisa

Isso durante oito dias, daí pra cá ele começou a sarar, aí sarou com o remédio que o médico passou. Aí, eu passei a levar o outro menino novamente, e eu já tinha os dois quando eu fui ao hospital porque não tava agüentando mais, aí o

médico perguntou se ele arrumasse um interno pro menino. Quando esse caso aconteceu o Cosme estava com três anos e o Edson com quatro anos que pesava oito quilos e seiscentas grammas e o Cosme pesava dez quilos e setecentas grammas, aí perguntou porque eu tava muito ruim, tava com fraqueza geral, se ele arrumasse um interno pro menino, se eu internava? Aí eu disse:

- Interno sim.

Fé, fui na assistência social do hospital me arrumaram o hospital ~~em~~ São Zacarias, em Botafogo, aí eu levei os dois meninos pra lá, intornei nesse meio tempo a gente se mudou de Brás de Pira pra Gentia, porque ^{uma} mulher comprou a casa que nós morávamos era um barraco de madeira também pequenininho com dois cômodos também, três tinha o quarto, e tinha a sala dividida em duas partes, uma parte eu botava a cama dos meninos e a outra parte eu botava o fogão e a mesa e duas cadeiras. Esse eram meus móveis de casamento, mas até aí eu não tava notando nada, eu tava ainda melhor do que quando tava na casa dos outros, quando eu um dia estava lá em casa...

M - E Internou os dois filhos e ficou com os dois enteados?

J - E, intornei e fiquei com os dois enteados. Antes de eu internar os dois meninos apareceu lá, a irmã dessa mulher que tinha sido minha patroa em Recife, a irmã dela apareceu lá. Eu perguntei a ela como ela apareceu lá e ela disse:

(14)

- Ah! Eu fui na casa de sua madrinha, e sua madrinha me deu o endereço.

Aí ela veio de lá, quando chegou de lá, chegou com um quem, quem, quem, olhou as casas, ~~olhou~~ ^{olhou} um azar desgraçado, meu marido era desse nome nortistas uma grande parte é assim quando ele é bom, ele teve comida dentro de casa tem tudo, então o negócio dele era botar comida às vezes tinha peixe, tinha bacalhau tinha carne, tinha não sei o que, mas negócio de móvel, essas coisas assim isso pra ele não queria dizer nada. Eu sei que eu fiquei um bucadão de tempo assim com a casa num miserê, foi preciso até eu não tinha ~~o~~ guardar a roupa, eu guardava a roupa numa mala, era assim. Ele não ligava pra nada dessas coisas assim e eu não podia ligar porque não tinha dinheiro, o dinheiro que ele dava era ~~pra~~ ^{pra} fura, pras compras de casa. Aí, chegou essa mulher num dia que a gente tava numa pendura, fim de mês, numa pendura desgraçada. Veio ela e uma elega toda bacana de chapéu, que naquele tempo o povo só andava de chapéu aquela coisa toda, e eu fiquei morta de vergonha. Aí, quando ela chegou os meninos:

- Magro!

Parecia até que tava amarrado pelo pé, aí disse:

- E'

E falou pra outra colega:

- E morena tô vendo que você não tem sorte eu não dizia à você, que você ficasse mais na casa de fulano, da minha irmã. Que você podia até, ou talvez se você tivesse vindo para o Rio com ela, você tivesse arrumado até um casamentozinho melhor. Tô vendo que você não tem sorte.

E eu disse assim:

- Pois é, a senhora está vendo que eu estou demonstrando pra senhora que eu não tenho sorte. Mas eu estou muito mais feliz do que na casa de sua irmã. Porque aqui sou eu que mando, aqui os filhos são meus, aqui quem educa sou eu, se precisar de bater, eu bato eu não apamho aqui de criança e lá eu apamhava de seus sobrinhos.

Eu apamhava de criança de dois anos, na casa de sua irmã. E aqui não, apesar de não ter nada mas o que tem aqui é meu e sou eu que mando. Estou muito mais feliz aqui.

Aí ela chegou e disse assim:

- Ela já arrumou outra, e não sei o quê.

E disse:

- Ué! Como é que ela arranjou? Eu que trouxe pra ela.

~~Ela chegou~~ Eu digo:

- Puxa, mas a senhora teve coragem, de trazer o um infeliz, na certa é um infeliz, desgraçada como eu que não pai, nem mãe. Deve ser uma pessoa desse tipo.

(16)

Ela disse:

- É ela não tem pai nem mãe mesmo não.
Mas olha Moreira essa é tão porca, tão relaxa-
da.

Eu digo:

- A mesma coisa vocês diziam de mim, na ca-
sa de vocês, na casa dela nunca vai ter ninguém
que preste. Porque vocês diziam o mesmo de
mim. Que eu era sem vergonha, que eu era
relaxada, que eu era porca, que eu era pregui-
çosa, só depois de do conta do mundo de casa
daquela e tomando conta dos seus sobrinhos.

Vai ser a mesma coisa, eu não acredito nisso
não, ela é tão infeliz igual a mim, não tem
pai nem mãe, uma desgraçada. Levar uma
infeliz dessa pra casa da sua irmã é ~~uma~~ ^{a mes-}
ma coisa que fazer um trabalho de assassinato...
Desse assim:

- Pois eu acho que isso é um crime, levar gente
do juízo, desse jeito pra uma casa daquela.

Eu, ~~ela~~ ^{essa} já era a terceira, que antes de eu
entrar na casa dela, tinha saído outra. Aí, ela
foi embora me deu o endereço dela, o telefone
dela pra eu telefonar pra ela quando precisas-
se de alguma coisa, peguei depois que ela saiu
falei com o meu marido, aí o Edinho era lou-
rinho quando era criança, que chegava assim
de ter o cabelo branco, tinha apelido de Velho
chamava ele de Velhinho parecia um velhinho
mesmo enrugado porque cresceu muito atrasado

e a pele branca, ele era branco, cabelo louro que se branco, então chamava ele de Velhinho e o ló me era morenã, forte, do cabelo preto chamaram ele de Negrão. Ai o Edson, ela disse assim:

- Onde é que você foi roubar esse menino louro?

Eu dizia:

- Ele deve ter saído o tio, eu não dizia à vocês que eu tinha um irmão que era lourinho e que desafastou-se da gente com três anos e ele era lourinho com certeza esse aí puxou o tio. Porque é do mesmo pai que esse aqui.

Aí ela foi embora, até hoje eu não sei mais nada, aí eu sei que ela morreu. Não sei se morreu mesmo eu não. Ai, não vi mais esse pessoal não perguntei mais nada, aí ela me disse que a filha dela, a filha da irmã dela que era um capeta que me atormentava. A filha dela era um capeta, e me atormentava dentro de casa morreu com dez nove anos, né? ... Quer dizer apesar dela só viver zombando de mim eu apanhei um nervoso na casa dessa mulher um nervoso tão grande que eu estava na cama com doze anos e levava uma sujeira todo dia porque mijava na cama e botava uma taboleta nas minhas costas: Eu mijô na cama.

E mandava eu fazer conta num bar que tinha na mesma rua só que lá na esquina e os meninos lá atrás pra mim tirar aquele troço das costas, batendo tambor numa lata velha e dizendo:

- Lala mijá na cama, ela mijá na cama.

Eu tinha que ir lá compra uma coisa qualquer

(18)

e voltar com aquele troço com doze ou treze anos até uns quatorze anos, quinze por aí sei lá. Eu sei que eu apanhei muito por causa disso, e eu fazia promessa pra tudo que era santo.

M- Quando você internou seus filhos, você internou aonde?

J- Láu internei no Hospital São Lazarus, em Botafogo, aí...

M- Você podia ir vê-los?

J- Ia ver duas vezes por semana, era quintas e domingo as visitas.

M- E o José ele ia com você?

J- Ia, ele ia no domingo. Depois, nessa época, antes dos meninos saírem. O Cosme passou seu cinco meses interno e o Edson passou um ano. Ele entrou com quatro anos saiu com cinco, aí o José isso foi...

M- As crianças melhoraram?

J- Fizeram alta e o Edson melhorou apesar de ser muito atrasadinho mas melhorou. Parou aquelas diarreias, aquelas feidas, aquelas coisas toda e o médico disse que era irradiação que não se dava alimentação a um menino que dois anos com uma doença medonha. Que crescia até seis meses, porque tudo que ele tomava ele botava pra fora com muita força eu falava com o médico que eu dava banana pra parar a diarreia e o menino com muita força soltava aquela banana preta e ele

dizia que era mentira, enfim, o médico nunca acreditava no que eu estava falando. Dizia que o menino estava assim porque eu tinha dado leite puro e eu não tinha dado de mamã à criança porque eu não tinha. Só dei de mamã no máximo uns dois ou três meses, porque não tinha leite. Eu tinha que apamhar com os vizinhos eu sei que eu dava mamadeira, né? Mas, o menino não se dava com comida nenhuma, trazia aquelas farinhas espanholas, açúcar espanhol, doce de calda, método de preparar, bater o leite pra tirar gordura. Todo o jeito que o médico passava eu fazia, eu sei que depois que batui no hospital a doutora disse que ele tinha muita verme, tirou a verme dos dois, pra vê se agiliza o resultado, mas se o médico não tinha pedido nada de exame... Aí, eu sei que um menino passou cinco meses o outro passou um ano inteiro. Nesse meio tempo antes do segundo sair do hospital, aí o marido disso foi em 47 mais ou menos agosto por aí, logo que os meninos foram interno eu me mudei dessa casa que tinha sido vendida, fui morar na Penha, aí o médico já diz que eu tinha que fazer três operações: primeiro, apêndice cônica e raspagem no ovário, depois que eu me tratasse da fraqueza geral. Aí, me deu muita raspa de remédio, mas muita raspa de remédio, mesmo que eu tomei e fiquei boa de um bocadinho de coisa, só não cheguei a me operar porque nesse meio

Tempo eu me mudei para Penha. Fui
 morar num pico de morro. Era uma
 favela nova que estava abrindo e a gente
 não gostava de incomodar a ninguém,
 a mulher queria a casa para morar. A
 gente arranhou através de um vereador
 como se tivesse saído de uma favela lá
 de baixo do Laju, botaram nosso nome lá
 no meio e nosso lugar ficou lá em cima
 no pico do morro. E a gente foi pra lá,
 fez um barracãozinho no morro de 3x4
 e puxei uma cozinha pequenininha, e
 ali a gente se ajeitou. Nesse meio tempo,
 o meu irmão estava interno, Cosme saiu com
 5 meses e José inventou de ir para Xerém
 em 48, né? Antes disso ele não podia mais
 trabalhar em juízo, aqueles candangos que
 fazem aquele balanço quando estão traba-
 lhando, se chamam juízo, não podia
 mais trabalhar lá porque deu tontei-
 ra. Já, ele aprendeu solda elétrica com o
 irmão dele e foi trabalhar em siderurgia,
 entrou no sindicato de metalúrgicos que
 lá coisa toda. Já depois ele continuou
 no partido que ele entrou em 45...

M - 'Perai é isso que eu queria saber.

Ele começou a trabalhar em metalurgia.
 Foi na metalurgia que ele se envolveu
 com o sindicato?

J. Foi.

M. Ele nunca antes tinha ouvido falar nisso.

J. Antes ele entrou no sindicato... Tinha uma encrenca aí com o governo que naquele tempo era de república. Eu sei que tem um negócio que tinha uma palavra violenta em "sindicato" depois, eu não sei dizer se foi antes ou depois, não me lembro bem disso que minha cabeça não firmava em política. Eu sei que teve uma vez que "paga sindicato" aí ninguém pagava, aí depois "paga sindicato". Eu não entendo bem isso porque não me firmei nisso, não.

M. É porque ~~o~~ nessa época o sindicato era, praticamente, era ligado ao Estado, ao governo.

J. Eu não sei, tinha um troço desse aí que eu não entendi bem porque eu não ~~era~~ me firmava em política. O José entrou no partido em 45.

M. Não diz uma coisa, ele se envolveu com o partido a partir do sindicato, né?

J. Olha eu não sei se foi por causa do partido, isso eu não sei lhe explicar. O que eu sei é que ^{de} quando acabou a guerra de 45, disso aí pra cá ele já mudou, que antes eu não me ligava porque isso que eu tô te contando eu não conversava com ele. Não tinha tempo de dialogar.

(22)

com ele, nada. Eu chegava ia lavar roupa, fazer isso, fazer aquilo, ele chegava ia fazer janta, fazer comida para marmitta, não sei o quê, não sei o quê, a gente não tinha diálogo. Tanto é que ele chegava, brigava todo santo dia porque ele pedia o filho dele para dar uns negócio de galo que ele gostava de galo de briga e tinha uns galos de briga do irmão dele lá em casa, então, pelo não sei de quê dos galos, tantas voltas, tantos não sei o quê, quando ele chegava ~~em~~ uma hora da tarde, uma hora e meia, aí os meninos estavam soltando pipa, eu falava dos galos: já vou, já vou, já vou quando ele ia cuidar dos galos era três horas da tarde quando ~~pos~~ colocava os galos para brigar com os galos do irmão dele o galo perdia por falta de prática, aí ele vinha em cima de mim que a mulher não manda, que não sei o quê... ^{ai} passou uns 5 anos que ele brigava todo ^{sempre} dia com aquele negócio daqueles galos e eu não falava nada, ficava só "inchando" mas não falava nada. Quando foi um dia eu resolvi dar uma briga (foi antes de internar as crianças), que isso também ajudou a internar as crianças) eu dei uma briga séria com ele porque eu descobri que ele estava namorando, que

ele tinha uma mulher ... E eu descobri e aí eu digo bem, vou dar uma briga por que esse foi o último passo que eu dei e eu não vou tentar mais nada, eu vou e desmanchar isso ... eu até queria morrer, eu queria que ele me matasse. se ele não queria que eu soubesse pra canto nenhum, todo dia eu ia pro hospital, aí eu escondido dele ia lá passar roupa da minha cunhada pra fazer o dinheiro pra tomar injeção pra não ter filho. Ele não me dava o dinheiro quando eu pedia ele ~~me~~ dizia que "não tenho", eu ia subir sem tomar injeção né? Não ia, né, então, a a velha Felícia que era uma pessoa muito boa, dizia: "olha Mprema, se ele não lhe der o dinheiro você me emprestado que eu te arromo." Eu tinha vergonha de chegar pra velha e lhe dizer: "eu quero emprestado 20 mil réis pra mim tomar injeção." Eu ficava morta de vergonha. Então eu pegava vestido passava um ferro, passava numa máquina, pegava pano riscado pra bordar, eu ainda, além disso, pegava roupa da minha cunhada para passar que era 5 cruzeiros a trouxa, aí eu passava 4 vezes por mês a roupa aos sábados e pegava aqueles G\$ 5,00 guardava pra no fim do mês tomar injeção que era ~~G\$~~ 20.000 réis, G\$ 20,00, aliás era cruzeiro.

(24)

Já eu pagava com aquele dinheiro. Nunca pedia dinheiro a ele porque toda vez que eu pedia não tinha, não tinha e eu deixei de pedir, preferia juntar o meu dinheiro. Quando eu descobri que ele tinha uma pessoa, que aquela confusão toda era por causa duma pessoa eu digo bem, agora eu vou estourar o meu. Já eu peguei... fui... fiz uma briga com ele, né? Contei ao irmão dele o que estava se passando, aliás nem fui eu que chamei, eu pedi a filha da dona Felícia pra chamar pelo telefone e ele veio e eu disse e José queria vir junto com ele e ela disse não, não você não vai não porque ela pediu pra chamar foi ele. Mas ele já sabia o que estava se passando por isso é que ele queria vir junto com o irmão. Eu chamei esse irmão porque ele se dava muito bem com o irmão. Era o tal do dono do galo, né? Então eu queria falar com ele que se por acaso eu quisesse voltar pro norte se meu caso fosse voltar pro norte se ele podia me emprestar o dinheiro da passagem e se não fosse e se acontecesse alguma coisa pra ele e saber porque é que aconteceu, só pra isso, né? A pessoa estava em casa não conversava com ninguém assim assuntos particulares, não tinha colegas,

não tinha com os vizinhos conversava muito pouco que não tinha tempo. Ai, quem eu conversava mais era essa velha, dona Felícia mas eu não conversava essas coisas de mulher, de homem, ela é que já estava sabendo e ia abrindo uma idéia lá por cima e eu não entendia ~~ela não~~ entendia e queria dizer quem era, né? Quando eu peguei ^{disse} agora não tem jeito, não falei nada, peguei no flagrante, olhei a cara dele e dela.

M - Você pegou no flagrante?

J - Peguei no flagrante. Olhei os dois, dei meia voltinha e fiquei em casa.

M - Onde você pegou eles?

J - No quintal, em casa.

M - Ah! Na sua casa?

J - Na minha casa. Muito bem e tal. No outro dia mandei chamar o vizinho dele, ele veio, mostrei a ele umas certas coisas, ele quis sair, qdo. ele ia pra' lá eu dizia tal dia aconteceu isso e isso, assim e assim, qdo. ele ia pra cá tal dia aconteceu isso e isso, assim e assim... Ai eu cerquei ele por todos os lados e ele não pôde ~~mentir~~ mentir porque qdo. ele falava os vizinhos me contavam alguma coisa eu escapava pelos cantos das paredes porque eu não queria que ele me dissesse que eu fui atrás de conversa de vizinhos. Tu

queria era ver pra não colocar ninguém em confusão. Eu queria ver e vi. Eu botei uma briga, o irmão veio, olhou, conversou, foi embora aí eu peguei uma briga e eu disse: olha agora você vai escolher ou eu ou ela. Eu sei que aí foi indo, foi indo, a mulher sumiu, sumiu do mapa. Ele ficou mas ficou de mal pensando que ia pra cabeça que ia pra cabeça... uns oito dias assim. Eu digo, tenho que dar outra briga porque assim também não dá. Aí ele não gostava que eu soubesse, aí quando chegou perto de eu tomar a injeção, eu fui lá tomar injeção e de lá eu fui pro Trem da Alegria que naquele tempo existia um programa com esse nome, e eu cheguei tarde. Quando eu cheguei, ele ia chegando. parece que combinou. Ele foi entrando e eu entrando atrás. Eu digo: "agora a briga tá feita e isso que eu quero". Aí peguei e conversei com ele né? Ele conversou comigo: "Onde é que você estava?" "Tava lá." "Lá aonde?" "Lá." "Lá aonde?" Eu digo: "Láá". Eu tinha ido tomar injeção aí depois quando ele se enfzou eu disse: "eu fui tomar injeção e de lá eu fui pro programa do Trem da Alegria". Nesse tempo ele tava desempregado. Aí foi e disse assim: "você

vendo que eu estou desempregado sem um cigarro pra fumar e vai pro Trem da Alegria." Disse: "E eu com isso? Não tenho nada com isso." Ai ele ficou P... da vida quis brigar, brigou, falou, trocou palavra, colocou o paletozinho pra sair, saiu atrás ringando ele só não chamei de santo mas o que apareceu na boca eu falei, ele não aguentou, voltou pra casa, chegou em casa e disse: "estou casada a tanto tempo, tenho tantas peças de roupa, você nunca me deu um vestido". o que eu me lembrei até aquela data eu despejei. Ai ele chegou e disse assim: "pô, xena, você... abra essa mala porque o que eu lhe dei eu vou rasgar. Eu disse: "pode rasgar". "Esse aqui. Esse foi isso, isso e isso. Esse aqui. Esse foi ~~isso, isso e isso~~. dona Juliana que me deu e eu fechei não sei a onde, olhe aqui a marca onde eu cortei e fechei, esse aqui dona Juliana assim, assim, esse aqui se lembra quando seu irmão veio de Minas e me deu 50 mil réis." "lembro" "foi esse vestido, ai" "já não tinha mais roupa nenhuma ai eu disse: "ah! tem esse aqui que eu tô com ele que você me deu a banda da sara, "me uma banda?" "É. você não me deu 100 mil réis, só deu pra comprar uma banda, a outra banda quem comprou fui eu" "aqui custou 200.

(28)

com dinheiro de costura da dona Felana⁴
"Se não me encheu não, se você quiser
rasgar, deixa a banda que eu com-
prei inteira porque eu vou encontrar
pano igual pra completar. Eu sei
que aí acabou a briga. Ele disse: ah!
vamos deixar dessas brigas porque isso
não leva a nada não sei o quê e a ge-
te vai mudar daqui (a gente ainda
não tinha mudado) e não comenta
isso com ninguém você não fala
mais nada. Se a gente mudou-se
mesmo e eu fiquei em observação, né?
Observando ele. Se eu botei minhas
condições: "1ª coisa: acabar com esses
galos. Não quero galos aqui dentro de
casa que esses galos é um inferno que
estão aqui dentro uma parte é desses
galos." Se na Penha um homem tinha
levar sete frangos de uma galinha que
ele tinha ido levar de de não
sei quem tudo de briga. Os galos de
briga é assim, os pintinhos um come-
ça a beliscar o outro, o primeiro que
sair sangue todos dão em cima e ma-
tam aquele, aí porque eu não repa-
rei eu era culpada. Se não dá, né?
Bem, aí ele acabou mesmo com os galos
de briga. A gente couveu tudo.
M - O galo de briga aqui o pessoal não

entende.

J. E. Briga que é uma desgraça. Si eu acabei com ~~aqueles~~ os galos. Uns a gente comeu, o vizinho não sei quem roubou. Eu sei é que acabei com os galos. Si a gente nunca mais brigou. Vivi casada 41 anos, briguei essas duas vezes. Só e acabou. ~~Sei~~ ele foi pra Xerém em 48 e eu fiquei... ganhei ele pra mim trabalhar fora que ele detestava.

M.

J. Da favela eu ganhei ele pra ele deixar eu trabalhar fora porque ele trabalhando em Xerém lá fazendo roca, 'tava desempregado, precisava de dinheiro pra comer ~~pra ele levar~~ a gente não tinha e o que que ele ia comer lá, e as crianças... um já tinha saído do hospital, o outro ainda estava porque ficou 1 ano. Eu sei que aí foi indo eu fui trabalhar pra numa confecção, Confecção Rio de Janeiro, olha só. Quando é com dez meses essa confecção abre falência, pro meu castigo! Dez meses de trabalho, a minha carteira tava assinada oito meses, não tive direito a nada dessa vida naquela fábrica. Aí sai com calo no pé, ~~daí~~ ^{olha} a marca do calo, tá? A marca do calo foi aqui... olha só o ferimento todinho, todinho, todinho todinho, todinho, tá vendo aí, essa marca todinha que vem até aqui, isso foi um calo. Eu fui visitar ele lá em Xerém, ele

tava com carro plantando milho

M- Nesse período que ele foi pra Kerém, você ficou trabalhando e ele não. O pessoal do partido ia na sua casa?

J- não.

M- Você ~~se~~ não sabia que ele estava no partido?

J- Eu sabia que ele ~~estava~~ ^{tava no} partido. Mas ele não me contava nada do partido

M- Ele só falava que estava no partido?

J- É. Ele tava no partido, já não ia fora da base dele, que era a base de emprego. não sei o que que é isso que um dia ele trabalhava outro dia ele fazia um troço lá dentro. Uma base chamava-se "célula", né? Então base de empresas são células de empresas, todo lugar* que ele tava ele criava isso, né? E depois que ele passou a metalúrgico, ele criou no meio dos metalúrgico também. Então, ele...

M- É como é que ele teve vontade de ir pra Kerém?

J- Era o seguinte, ele lia, ele lia muito e tinha um livro, um jornal que me parece que era "Classe Operária" e depois mudou pra "Voz Operária", ou era "Voz Operária" que mudou pra "Classe Operária", eu não tô entendendo, não tô me lembrando bem

M- Que era do partido?

J- É, era jornal do partido. E tinha o jornal do partido de massa que chamava de "Tribuna Popular", "Imprensa Popular"... Acho que era isso "Imprensa Popular", e então naqueles jornais a gente

lia, ainda me lembro que tinha até uma história zinha que vinha dentro da voz, eu lia sempre a voz né? Acho que era Classe Operária, era Classe Operária a primeira. Ai tinha Tudo com Chic não sei o que, não sei o que da folha, que eu lia as histórias desse jornal, né? E tinha uma parte que eu não sei se era desse ou de um outro que falava em Aliança Operária Camponesa, aí o José pensou o seguinte, começou a pensar que na cidade, aí também surgiu a luta do petróleo foi nessa época 48. Ele ia me levar, começava me levando, me chamava e eu ia já nesse tempo a palestras, festinhas sobre petróleo que falava sobre finanças do petróleo. Aí, de lá da favela ele ia pra lá e a gente de lá ia pra festinha que era na vila da..., na Eclular.

M- Isso era camponês do partido?

J- Olha eu não me lembro, sei que o partido apoiava, a gente tinha todo o peso do partido. Quem manobrava com ela devia ser o partido, eu não me ligava muito nessas coisas, eu ia porque ele chamava, eu não ligava muito. Eu nunca tinha ido, só fui na sede desse jornal uma vez, Imprensa Popular, fui lá uma vez ainda. Mas assim, tinha sempre festa do partido que eu me lembro de uma tal de Quilombo dos Gargos o nome, é Praia das Charitas outro nome, Fazenda não sei de que, Granja não sei de onde que era lá pros lados de Caxias essa eu fui não me lembro direito onde era mas era ali em Caxias, não me lembro direito.

M- Granja?

J- Era uma granja que tinha por ali, não me lembro

onde.

M- E já era uma célula do partido?

J- Não, não era.

M- Era uma festa?

J- Era a festa que fazia.

Fui eu não participava assim do partido, ele me convidava mas eu não aceitava porque eu dizia o que é que eu vou fazer no partido se eu tenho esse monte, essas doenças pra cuidar, e seis filhos, eu não quero saber de partido não. Eu quero saber de uma casa que eu posso dar conta, isso não serve. Ai eu comecei a ir no negócio do petróleo, teve uma vez que eu fui que não me lembro bem qual foi o ano que levei ali bomba de gás junto com ele e era sempre na ABI e na ABI e dali a gente saia pra botar uma cordélia numa estatua que tem na Cinelândia, se não me engano Araújo ~~Perto~~ Alegre, a gente saia e via a esquerda e logo perto tem uma estatua até hoje que eu não sei nem de quem é, o que eu sei é que a gente ia botar ali a cordélia que estava na mesa depois da palestra e levava pra ali, ali naquele tempo tinha uma polícia com o nome de polícia especial e que dava uns tiros pra cima e metia bomba de gás e agente levou bomba de gás naquela ocasião a gente saiu correndo, e a gente no chás, depois nós voltamos pra ver como estavam aqueles que estavam lavrando no chás, saindo sangue, eu lá o que estavam lavrando com aquela escorrera, aqueles troço. Eu sempre

ia, mas eu não... eu sempre ia porque ele me chamava. Mas eu não me dava bem, eu sei que guardei bem o nome da pessoa, né? Das pessoas que falavam muito no petróleo era Bucksidown parece que era general não sei o que, Uolta Barbosa e Emílio Gonçalves me lembro bem desses três nomes no encontro de petróleo, sei que foi tirado uma vez um delegado que eu não me lembro nem como é que foi. Fui pra São Paulo com José, mas nessa época eu não sei se eu ainda estava lá, eu acho que eu estava em Jerém, eu não me lembro quando é que foi esse congresso de São Paulo, o que eu sei é que eu...

M - E esse trabalho foi do petróleo ou foi do partido?

T - Foi do petróleo, eu não ia à reuniões do partido. Aí nessa luta, negócio do petróleo na volta aí já tinha uma casa eu não sei se já estava em Jerém com ligações em Niterói porque eu tenho uma coisa comigo que naquele tempo o trabalho que eu fazia eu nunca dei bola, eu achava que isso era uma besteira, tanto é que tem coisas importantes que eu fiz que não me lembro mais, que não... falo às vezes eu tô contando, e diz:

- Por que não contou isso?

Porque eu me esqueci, ou qualquer coisa, na época eu não dava bola não. Hoje, é que eu faço alguma coisa ponho na nota porque eu tenho que prestar conta à alguém. Mas, eu fui dessa luta de petróleo através de um conhecimento que eu não sei como é que foi, eu sei que eu vim do Rio, que eu fui daqui

(34)

do Rio pra Niterói e me liquei com umas pessoas que eram da Associação Feminina Fluminense, era uma associação de mulheres que tinha lá em Barreto, mas era da Cruz.

M- Barreto...

J- É Niterói, Avenida da Cruz, ainda tem essa casa até hoje lá, só não é mais a sede, entã, eu comecei uma conversa com aquelas pessoas ~~que~~ eu parecia um capial, eu sempre fui uma pessoa muito retraída, agora não, agora já tô querendo ser gente... mas era muito retraída, ah, é... eu que através me lembro de uma Lorena que foi pra São Paulo também com a gente tinha outras colegas, tudo gente da Associação, essa Lorena foi pra Lorena mesmo, porque lá em São Paulo tem um Lorena e essa moça foi pra Lorena, depois eu não a vi, mas só a vi duas vezes do petróleo numa reunião que eu fui nessa Associação. Dentro dessa associação eu conheci Irene Vanderlei que era a presidente naquela época não sei qual era a gestão ou algo mais só sei que quando ela saiu entrou uma moça que se ligava também comigo, uma senhora com o nome de Maria Lúcia de Freitas, aí, depois eu já estava nessa época em Ilhéus que foi em 48.

M- Nesse ano ele ficou lá sozinho?

J- Ele ficou dez meses... é mais ou menos dez meses sozinho. Eu trabalhando no cais e ele lá só; e eu ^{fiquei} trabalhando dez

meses, abriu falência. Já eu fiquei doente desse pé, que isso já era pra eu ir pra lá, isso é o destino, né? Um troço esquisito, eu odiava roça, eu não queria saber de roça eu vi como minha mãe morreu, como foi que meu pai morreu, a fome que nós passamos, então eu fazia espécie de uma jura pra não ir mais pra roça e fui parar na roça. Ah, isso a gente já estava lá em Hecém a gente descia... M- E nesses dez meses que ele ficou pra lá ele tinha um local pra ficar?

J- Ele fez um rancho lá em Hecém, onde ele abriu um pedacinho fez um rancho de madeira e sapê como passava onça em baixo ele fez a cama lá em cima perto do sapê botou giral como chamam e ele sobia e de noite dormia ali a onça passava por baixo de quinze em quinze dias com o filhote pra beber água depois que ele soube que era onça porque ele fez aquilo de prevenção. Era mata mesmo, ele aí soube que tinha paca, que tinha porco-espinho ele disse:

- Bem, lugar que tem porco-espinho e paca tem onça.

Aí ele se preveniu lá, quando ele descobriu foi quando ele ia caçar os cachorros tinham dia que se urravam todo em volta dele e não saía do canto. Como que um vizinho se dizia aquele negócio de caipaca, de não sei o que, você quando sai pra caçar tem jogar fumo de rolo pra não sei quem, e ele aí quando viu o cachorro se enrodar assim ele pensava que era aquilo que ele tinha falado aí ele

(36)

voltarei pra casa, né? Depois ele foi chamado
atenção contando a alguém ^{que} disse:

- não é não. É a onça, quando o cachorro faz
isso é porque 'ta' sentindo o cheiro da onça. É
não qualquer cachorro que **caca** onça não.
Você pode ^{provar} que ela lá tem alguma água.

Disse:

- Tem um rio lá pra trás mas eu ^{quida} não fui
nem lá porque tem muito mato.

- Você pode procurar no rio porque onde ela pas-
sa vai beber água.

Chegou lá ele achou, né? A pata da onça
era do tamanho de uma mão fechada e o fi-
lhote. Era a onça eo filhote que ia lá de quinze
em quinze dias pra beber água. No dia que os
cachorros se enroscaram ele podia olhar no outro
dia que a pata tava, ela bebia, na areia fica-
va a marca das patas

M- Nesse período de dez meses, ele ia na sua
casa?

J- Ele ia lá em casa uma vez por semana, aí
às vezes levava tatu, outro dia leva lagarto, só
que eu não gostava mais de comer carne, mas eu
preparava pros meninos, né? Aí quando eu traba-
lhava na fábrica, na confecção, Eronildes já
estava com 13 anos quase 14 aí, a gente
tirou uns papéis que tirava não me
lembro o quê e botamos ele também
para trabalhar e trabalhava numa

fábrica de vidro. Ele trabalhou uns poucos
tempos também não trabalhou muito, não
trabalhou menos do que eu porque era
um trabalho muito pesado pra ele. Ai,
nós viemos ... como estava com o pé
machucado aí nós viemos para Kerem
também pra casa do... aí ele já tinha
feito um ranchinho com 1 cômodo com
aquelas portas de ubauka rachada, pre-
gada

M- já tinha feito...

J- É. Os meninos já tinham vindo do
hospital e já estávamos em Kerem e
eles ^{vinham} em nossa casa. Eles vinham aos do-
mingos, a gente descia. Depois que os me-
ninos não saíam ficavam lá em casa.
Eu trabalhava, a menina fazia ... eu
deixava a comida pronta, a menina era
danada, não tinha vontade de fazer nada
em casa já com 13 anos, um corpo enor-
me mas não queria fazer nada. Ai rest-
ou nos últimos 2 meses para inteirar o
tempo que eu fui pra lá a menina
foi primada. Dois meses antes de mim ela
foi porque ela em casa deixava as cri-
anças com fome e ia 'panhar água pros
vizinhos, não panhava pra casa. Ai eu digo
bela, já que está assim vai pra lá, aí eu
comecei a deixar os dois meninos menores
na casa de uma moça, eu deixava a

(38)

comida lá, ela preparava comida dos dois meninos e Exonildes se vivava em casa né? Eu deixava a comida pronta e assim terminou um pouco. Isso foi por pouco tempo, depois eu fui pra Keren levei as crianças, fui com esse pé machucado, lá tinha um centro de macumba, que era o homem que arrumou o terreno pra José era um milheirinho pequeno então ele tomou conta de uma parte de terra e começou a dividir com lavradores pra cobrar um taxa. Ai o José conversou muito com ele depois que a gente estava morando lá e deu-lhe uma taxa. E aí tinha um centro de macumba, não sei o quê de umbanda que dava consulta dava remédio. Ai quando o pai-de-santo me viu com o pé lá daquele jeito, começou a me dar remédio. Os remédios eram remédios bons. Pomada piosulfida, remédio pra fígado, remédio não^{se} pra quê, fortificante, remédios bons que a gente lê a bula conhece, né, remédios maravilhosos. Remédios comprados mas remédios bons. Mas quanto mais eu botava pomada no pé, mais a ferida abria, aí eu me isolar no quarto não ia mais pra canto nenhum porque quando eu baixava

o pé as fitas de sangue desciam, qdo ia tomar banho me levava no colo botava dentro de uma touceira de mató quando eu saía dali ficava tudo sangrando. De manhã quando eu me levava os últimos 2 meses foram 60 dias e 60 noites sem dormir nem de noite, nem de dia e gemendo com o pé porque parecia que tinha fogo. Si o homem lá disse que foi ponto de macumba que fizeram com um gato que não sei o quê... Eu sei que aí que o vizinho foi me ver aí com 5 meses e com 2 meses doentes sem sair de lá do quarto, qdo ele foi ver ele disse: "dona Josefa, Morena, seu pé deixou a senhora ficar com o pé desse jeito? A senhora aceita uma consulta de centro?" "Isso daqui me dá remédio todos os dias, remédios bons e não estão adiantando nada." "Não mas lá é outro tipo de centro." Eu queria ficar boa eu disse "tá" si ele foi. Ele disse: se a dona Juliana ficar boa ela vai fazer uma visita especial, não sei o quê." Não entendi nada mas eu queria era ficar boa. ~~Se~~ Si ele foi. Saí no trem de 2 horas da tarde, trem que ia passava em não sei aonde, trem que ia pra Diabetá... Quando foi de noite... ele veio de manhã, foi de tarde, quando foi de noite como fazia todo dia, acendi uma

(40)

vela, rezava, pedia a minha mãe que viesse me buscar, meu pai... que eu já não estava aguentando mais de tanta dor, aquela coisa toda... e nesse dia a vela não quis colar de jeito nenhum botava assim em cima de uma tábua que tinha feito prateleira aí eu pedia um caneco coliei a vela dentro do caneco, acendi, fiquei de olho, rezei aí depois eu gdo me endireitei que eu olho pro pé era sangue puro porque eu me apolhei, aí eu arrei ~~as pernas~~ como quem quase desmaiou e eu rezando, né, pai nosso que estás no céu, não sei o quê, não sei o quê que eu fiz, não sei o quê... Eu sei que nisso não sei o que é que foi que aconteceu que vi chegar uma mulher escura e uma baciuzinha branca com o arozinho azul que existia naquele tempo e era esmaltada, não sei se ainda existe... com uns paninhos brancos ali dentro ^{a água} ela chegou colocou no meu pé aquele pano molhado uma vez, o outro por cima, o outro e o outro, parece que era três panos, não sei quanto era, eu sei que fazia assim e fazia assim aí ia tirava ~~aqui~~ molhava e botava lá de novo, pam, pam, pam. Eu sei que depois quando ela foi tirar

aquilo foi fazendo aquela fresquinha e eu comecei: "não tira não, deixa esse pano aí. Deixa aí! Deixa aí! Pode deixar! Pode deixar!" Isso o José disse assim: "eu não tô tirando pano nenhum não" Porque tinha assum no fim do pé um bando de pano pra perfurar assim deitado e o pano que eu estava falando era o do sonho. Si ele falou assim: "tá o pano aí, não sei o quê", eu me acordei. Quando eu acordei, sabe qdo. aqui te lava os pés... enxuga, não fica um ferro nos seus dedos? Era isso que eu estava sentindo. Nem um pinço de dor. Olhei o relógio 10 horas da noite. Eu comecei 6 horas depois de novo me deitei, dormi até o outro dia 8 horas si quando foi lá pra 2 horas da tarde chegou seu Tercílio. Si eu estava calada né? Ele disse: "como é dona Morena, está melhor?" Eu digo: "Graças a Deus estou melhor." Então mesmo ela viu os trabalhos na mesa e veio fazer uma visita a você? Si eu tinha que acreditar na estória porque eu vi. Só que eu pensava que estava acordada e não estava, não sei lhe contar como é que foi. Eu sei que foi de 6 às 10 mas que parecia 10 minutos. Então, nesse negócio do centro da macumba meu marido era muito incrível, né, e eu estava ali

(42)

e tal, nós dois né, estávamos lá ele que criou como solução de fazer a associação e aquilo era um meio de no meio daquelles filhos de santo ali que era tudo lavradores, ele fazer a associação que na qual já tinha tirado uma comissão de 3 pessoas bem anteriormente. Si ele...

M. Todos os lavradores que estavam ao redor eram espíritas?

J. Não, não eram todos não, tinha gente de vários setores por ali, tinha gente até que vinha de Pavuna pra assistir a sessão espírita.

M. Quem era o pai-de-santo?

J. O pai-de-santo lá era Américo Vespício. E tinha o seu yaimé que era de um centro de umbanda e macumba em Pavuna como um centro geral e tinha uma espécie de filial na mata pra fazer aquelas obrigações de jogar couida no mato. Então o José achou que era uma boa, uma que eu estava agradecendo de qualquer maneira este o era o meio que eu achei pra agradecer o que eles fizeram por mim, apesar de tudo, os remédios foram muito bons eles fizeram estas nos dias de santo mais firmado que eles conseguiram da couida,

faziam aquelas comidas, né, às vezes for-
am churrasco e eu tinha vantagem com
aquilo porque o que sobrava ia pra mi-
nha casa e então eu aproveitava de um
lado e José de outro. Eu ajuda eles em
tudo ali, arrumação, cozinhar e me ves-
tir, eles me deram roupa branca pra
eu vestir eles tentaram me desenvolver,
fizeram aquela roda comigo, aquela
coisa, nunca senti nada, fazia com o
Zé Pureza também e esse muito menos
ainda, então José conseguiu conversar c/
aqueles filhos de santo que moravam por
ali pelo ramal de Xerém e com um
bocado deles a gente conseguiu fazer umas
pequenas palestras e daí a gente conse-
guiu fazer a associação dos lavradio-
res.

M - O Zé Pureza tinha contato ^{direto} sempre com
o partido?

J - Tinha. Ele tinha contato com alguém
do partido sim, só que eu não tava no
partido eu não conhecia as pessoas, aque-
les nomes de guerra aquelas coisas, eu
não conhecia as pessoas mas ele tinha
contato. Só que eu achava, hoje eu acho
que já tenho outra consciência, ele tam-
bém achava, depois ele se explicou com
o partido qdo caiu uma certa direção
o nosso trabalho melhorou. Então eu

achava que devia ser muito mais bem aproveitado o trabalho dele no campo porque uma pessoa que se digna a botar uma pessoa numa dificuldade daquela a família, que era eu e todos nós lá naquele sertão, eu achava que a gente devia ter outro tipo de tratamento, outro tipo de reconhecimento, quer dizer, nós não queríamos pagamento, nem nada disso, nós queríamos era condições como até hoje eu faço. Condições para andar, tá? Isso foi sempre difícil no nosso trabalho. Então nós conseguimos criar a associação assim, através com algumas pessoas do próprio centro. Depois teve lá uma discussão uma confusão da mulher do dono do terreiro com o José e a gente aproveitou e saiu fora do centro. A associação já estava feita e aquele nosso papel já estava mais ou menos com aquela coligação, então agente já estava praticamente... o desejo que nós tínhamos e eles já nos consideravam que já tinha dado agradecimento a eles por o que eles fizeram por mim e aí José saiu fora e eu também sai fora, fomos cuidar da associação de outra.